

**Universidade Federal de São Carlos**  
**Centro de Educação e Ciências Humanas**  
**Departamento de Sociologia**

**Matheus Martins Sousa**

***BIQUEIRA É BIQUEIRA EM QUALQUER LUGAR?:*** Perfis de  
baixos operadores do mercado de drogas ilegalizadas em uma cidade  
média de São Paulo

**São Carlos - SP**

**2025**

*Para minha mãe, Marisa Heliana Martins.  
Para todos aqueles que vivem a vida loka.  
Aos meus mestres do pensamento de becos e vielas.*

## AGRADECIMENTOS

Minha trajetória enquanto estudante de graduação na Universidade Federal de São Carlos foi marcada por muitos momentos que vou levar para a vida. Mesmo sendo atravessada por uma pandemia e outros tempos difíceis, dentro e fora do ambiente acadêmico, o que fica são boas amizades e uma coleção de memórias e histórias que constituem grande parte do que sou hoje.

Dito isso, agradeço primeiramente à Universidade Federal de São Carlos, por ser um espaço de formação tão valioso em meu desenvolvimento enquanto estudante, pesquisador e humano, que me recebeu das melhores formas e significa a expansão de todos meus horizontes. Durante esses anos tive a oportunidade de estar em contato com pessoas e realidades diversas, que me mostraram muitas possibilidades. Em meio a tentativa de descredibilização do ensino público, gratuito e universal, o trabalho sério e de excelência produzido pela universidade pública deve ser lembrado e celebrado. Não apenas o trabalho, mas também toda a pulsão de vida cultural e política que envolve a universidade, construindo com muita luta um ambiente democrático que resiste mesmo sucateado. Obrigado, por tanto, a todos os servidores, professores e alunos que constituem a UFSCar.

Agradeço enormemente à minha orientadora, Luana Motta, por todo trabalho conjunto já há alguns anos. Luana me mostrou os caminhos da pesquisa em Sociologia e me ensinou as miudezas do fazer etnográfico, que me é tão precioso hoje. Sinto que ainda são os primeiros passos, mas sem eles não saberia caminhar. Lu, obrigado por todas as conversas, revisões, ideias e incentivos no processo. Sem toda essa atenção não seria possível chegar até aqui.

Aos professores com quem tive aula devo muito da minha formação acadêmica, assim como todos que compõem o curso de Ciências Sociais. Obrigado Svetlana Ruseishvilli, Jorge Leite, Vera Cepeda, Aline Pires, Felipe Rangel, Geraldo Andrello, Piero Leirner, Wagner Molina, Joelson Carvalho e Fábio Sanchez. Agradeço especialmente a Jacqueline Sinhoretto e Gabriel Feltran, que foram fundamentais não só para minha formação enquanto cientista social, mas também para meu interesse no tema de pesquisa e desenvolvimento nessa área.

Também aos meus colegas de orientação coletiva, por todas sugestões e discussões que ajudaram a construir este trabalho, além da companhia e amizade. Obrigado a Nayara Demari, Luiz Gustavo, Maria Eugênia, João Victor Borri e Thalia Marques, por todas as contribuições nessa jornada.

Agradeço a oportunidade de integrar o programa “Às margens da cidade”, em colaboração com a Rádio UFSCar, e o NaMargem - Núcleo de Estudos Urbanos (UFSCar). Todas as leituras, debates e elaborações foram decisivas para progredir neste trabalho e para meu repertório acadêmico e cultural.

Aos meus irmãos e irmãs das repúblicas Bola Fora e Carlota Joaquina, que fizeram destes lugares minha casa e com quem dividi a vida cotidiana. São muitos nomes que passaram por esse caminho, talvez nem caberiam nesta parte, mas levo todos/as comigo. Da casa nova, agradeço a Tobias, Kenzo, Guilherme e Esther pelo companheirismo. Obrigado por me aguentarem por tanto tempo.

Também a todas as amizades do curso que construí durante esse período, desde as que nos distanciamos por casualidades da vida até as mais duradouras. Especialmente a Gabriel Ulbricht, Giovana Miorim, Sabrina Queirantes, Renato Constante, Amanda Finotti, André do Nascimento, Magê, Gabriela Fonseca, Iago Marichi, Otávio Almeida e Isabelle dos Santos Domingues, com os quais dividi a vida durante boa parte da graduação. Obrigado por compartilharem bons momentos e também estarem presentes nas dificuldades. Agradeço também a toda turma 019.

Agradeço a toda minha família por ter me apoiado nessa escolha e durante toda trajetória. Ao meu pai, Luis, a minha irmã, Tatiana, e minha tia, Cristina, e meu cunhado Ivan. Uma lembrança especial e repleta de ternura para minha mãe, Marisa Heliana Martins. Militante, operária, professora e corinthiana, que sempre foi minha referência em tudo na vida. Me ensinou as lições mais profundas de amor e o olhar atencioso para a vida política e social. Vive sempre em minhas memórias. Com certeza estaria muito feliz em me ver graduando em Ciências Sociais.

Um agradecimento especial para todos meus interlocutores de pesquisa. A todos os profissionais das medidas socioeducativas e meninos com quem tive o privilégio de trocar ideias. Um salve para Jorge e Bagdá, que me receberam tão bem e me apresentaram à quebradas e favelas. Todos esses são meus professores das filosofias do *mundão*, tão fundamentais quanto o repertório acadêmico para a construção deste texto. Muito obrigado a S., B. e família. Sem vocês este trabalho não seria possível.

Obrigado à Eugenia Cozzi e Thalia Marques por terem aceitado fazer parte da minha banca e por todas contribuições essenciais para este trabalho.

Por último, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico que financiou a pesquisa de Iniciação Científica que deu origem a esta monografia.

## RESUMO

O presente trabalho busca compreender e analisar o funcionamento do mercado de drogas ilegalizadas a nível local e a relação de seus baixos operadores com agentes policiais em uma cidade média no interior de São Paulo. Em diálogo com o debate de etnografias do mundo do crime e acerca de mercados ilegais, argumento que a noção de baixos operadores deste mercado pode ser complexificada na medida em que se expande para circuitos superiores da economia, tanto em mercados ilegais quanto legais. Nesse sentido, são elaborados perfis de baixos operadores do campo estudado partindo do modo como transacionam mercadorias políticas e se engajam no mercado de drogas. Metodologicamente, foi realizado um estudo etnográfico concentrado na observação participante em dois pontos principais de observação: o programa de medidas socioeducativas para jovens em conflito com a lei e um bairro periférico da cidade.

**Palavras-chave:** Mercados ilegais; mercadorias políticas; mundo do crime; periferia.

## RESUMEN

El presente trabajo busca comprender y analizar el funcionamiento del mercado de drogas ilegalizadas a nivel local y la relación de sus bajos operadores con agentes policiales en una ciudad media del interior de São Paulo. En diálogo con el debate sobre etnografías del mundo del crimen y acerca de mercados ilegales, sostengo que la noción de bajos operadores de este mercado puede ser complejizada a medida que se expande a circuitos superiores de la economía, tanto en mercados ilegales como legales. En este sentido, se elaboran perfiles de los bajos operadores del campo estudiado a partir de la manera en que transaccionan mercancías políticas y participan en el mercado de drogas. Metodológicamente, se realizó un estudio etnográfico concentrado en la observación participante en dos puntos principales de observación: el programa de medidas socioeducativas para jóvenes en conflicto con la ley y un barrio periférico de la ciudad.

**Palabras clave:** Mercados ilegales; mercancía política; mundo del crimen; periferias.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>8</b>
1.1 Apresentação da pesquisa.....	8
1.2 “Ser considerado em qualquer jurisdição”: inserções etnográficas no mundo do crime. 12	
1.3 Etnografias sobre mundo do crime, mercados ilegais e mercadorias políticas: diálogos com a literatura.....	16
<b>2. Perfis de baixos operadores do mercado de drogas ilegalizadas a partir de transações de mercadorias políticas com agentes policiais.....</b>	<b>21</b>
2.1 Os meninos das medidas: escassez de recursos.....	22
2.2 Bagdá e sua <i>biqueira</i> na Favela da Galileia: recursos políticos e proporcionalidade de mercado.....	26
2.3 Os donos de <i>lojinhas</i> e <i>irmãos</i> do <i>Comando</i> : atenuação da assimetria de poder.....	31
<b>3. Funcionamentos de <i>lojinhas</i> ou <i>biqueiras</i>: papéis, posições e modos de operar o mercado de drogas locais.....</b>	<b>34</b>
<b>4. Seria só uma questão de escala? Nuances do mundo do crime fora de grande centros urbanos.....</b>	<b>39</b>
<b>5. <i>Nóis</i> tem gente espalhada em todo canto por aí: notas finais.....</b>	<b>41</b>
<b>6. Referências bibliográficas.....</b>	<b>43</b>

## 1. Introdução

### 1.1 Apresentação da pesquisa

- O mano, cê viu o tanto de polícia que tem na área aí mano?  
-É, então, tá embaçado o morro, certo mano? Então, no final de ano ir pra cadeia não vira. Ó quem tá chegando aí irmão...  
-E aí Cláudio, firmeza?  
-E aí, firmeza família? Como é que tá o morro?  
-Então, o morro tá daquele jeito, certo mano? Então tem que ficar ligeiro, porque tá cheio de polícia, cheio de ganso  
-Então aí, tô descabelado mano, vim pra me levantar de novo  
-Então, vamo colar aê?

\*\*\*

*Tá vendo aquele truta parado ali?  
Bolando ideia com os mano na esquina  
É envolvido com crack, maconha e cocaína  
Tirou cadeia, cumpriu a sua cota  
Pagou o que devia mas agora ele tá de volta  
Saudades da quebrada, família  
Coração amargurado pelo tempo perdido na ilha  
(Crime vai e vem - Racionais MC's)*

Março de 2024. Na tarde do dia anterior, eu havia mandado uma mensagem para Jorge. Perguntei a ele se conhecia a rapaziada que trabalhava nas *lojinhas*<sup>1</sup> da Favela da Galileia ou na Mocidade e se concordariam em fazer uma entrevista ou trocar ideia sobre a pesquisa, da mesma forma que estávamos fazendo. Me respondeu dizendo que sim, que poderia mandar mensagem para um conhecido na Favela da Galileia. Combinei o encontro no dia seguinte e Jorge aceitou. Sugeri de nos encontrarmos por volta das 11h para almoçarmos por lá. Estava tudo combinado e a conversa parecia ter se encerrado. Jorge então me manda uma foto de uma metralhadora com tripé e um cinto de munições, dizendo que estava à venda. Não soube reagir e respondi: “essa faz um estrago hein?”, tentando desconversar. Em

---

<sup>1</sup> Termo êmico para se referir a um local de comércio de drogas.

seguida mais uma foto de outra metralhadora, desconversei novamente. Jorge apaga as fotos e não conversamos mais nesse dia.

Como combinado, pela manhã Jorge pede para encontrá-lo no bairro Terezinha por volta das 10h30. Coloquei a localização no GPS. Dezesesseis minutos de carro. Fui com meu carro em direção ao local em que Jorge estava. Saindo da área central da cidade e entrando na periferia, a paisagem urbana muda. No lugar de grandes avenidas; ruas estreitas e desniveladas. Parei o carro em frente a uma praça, onde estava Jorge. Desci para cumprimentá-lo e já entramos no carro. Fomos em direção a Favela da Galileia. Jorge foi me guiando no banco da frente. Percebi que estávamos passando pela Mocidade. Dessa vez demos a volta por trás dos prédios do conjunto habitacional, onde não tinha conhecido durante o pagode que fomos juntos. Jorge me diz: “É aqui que a molecada fica, as *lojinhas* é aqui, ó”. Reparei que tinham números pichados em lugares específicos. Lembrei de uma das artes que vi no espaço das medidas socioeducativas, que identificava os mesmos números e o nome do bairro: Mocidade. Parecia a identificação das *biqueiras*<sup>2</sup>. Havia um muro grande que cortava o quarteirão, do outro lado da rua dos prédios. Vi muitos símbolos pichados: “1533”; “ying-yang”; “PCC”; “PJL”<sup>3</sup>. A maioria relacionados ao crime ou ao *Comando*<sup>4</sup>. Passamos a linha do trem. Percebi que a partir de lá, a paisagem urbana se parecia cada vez mais com a ideia de “favela”, no senso comum, o que não é tão usual na cidade. Já adentrando na Favela da Galileia, as ruas eram bem estreitas e frequentemente com carros parados, o que reduzia ainda mais o espaço. Terreno íngreme. Muitas casas sem rebocos e alguns poucos barracos. Perguntei para ele se estávamos indo para alguma *biqueira* e se estava suave conversar com o pessoal. “Já avisei um parceiro meu pra nois trocar ideia, a loja é dele, aonde ele fica ali. Vou falar pra ele subir pra cá, mas vai indo lá pra nois trombar ele. Não fico em esquina assim não, vamo ter que descer ali. Ficar moscando em esquina tá pedindo”.

Estávamos descendo uma rua bem íngreme. Ao final, era possível virar para esquerda ou direita. Parei no cruzamento. Nesse momento passa uma viatura inteira preta, lentamente, pela nossa frente. Fiquei um pouco receoso, mas agi naturalmente. Apenas disse: “Vish, olha a barcona...” Esperamos o carro da polícia passar e Jorge disse: “Eu falei que não dá pra ficar em esquina, tô falando irmão! Vou avisar a rapaziada. Falei pra você mano, vamo ter que subir lá. Encosta aí”. Parei o carro na frente de uma casa. Jorge desce procurando por Bagdá. Um rapaz sai da casa e cumprimenta Jorge. “Sobe lá pra nois trocar ideia, lá no barzinho ali”.

---

<sup>2</sup> Sinônimo de *lojinha*.

<sup>3</sup> Sigla para Paz, Justiça e Liberdade.

<sup>4</sup> Termo referente ao Primeiro Comando da Capital (PCC).

O rapaz concordou, demos meia volta e paramos na rua íngreme. O boteco parecia estar fechado. Jorge passou o braço por dentro do portão e retirou o cadeado para entrarmos. Sentamos numa mesa para aguardar Bagdá. Pedimos uma porção de sarapatel e uma cerveja. Bagdá demorou um pouco para chegar. Durante esse momento, Jorge estava usando bastante o celular. Mandava áudios sobre uma carga de mercadorias roubadas, procurando um comprador. Perguntou para mim se eu gostava de cachaça, que naquele bar havia uma que o próprio dono produzia. Disse que gostava, mas não precisava naquele momento. Ele insistiu e pediu um copo. Depois de uma cerveja inteira, Bagdá chegou. Cumprimentou Jorge e sentou na mesa. Jorge me apresenta Bagdá: “Esse aí que você tem que conversar pra sua pesquisa”. Bagdá me conta que saiu da cadeia há pouco tempo, sua terceira passagem. Logo em seguida começaram a falar de negócios. Bagdá disse que a maconha estava muito cara, no momento estava trabalhando com skunk, lança-perfume, haxixe e às vezes alguns sintéticos. Estava compensando mais financeiramente. Ele é dono de uma *biqueira* na Favela da Galileia. Perguntou meu *vulgo*<sup>5</sup>, respondi meu nome, mas comentei que era conhecido como “Sabugo”. Bagdá me apelidou de “Branquelo”.

\*\*\*

Os versos dos Racionais MC’s, que abrem esta monografia, representam algumas das situações que experienciei durante meus primeiros contatos com o campo em que realizei minha pesquisa de iniciação científica. O diálogo que introduz a música demonstra a preocupação com a presença da polícia no bairro (o “morro”, uma *quebrada*<sup>6</sup>), levando em conta a possibilidade de ser preso e reafirmando uma posição de alerta. Logo em seguida, os primeiros versos nos apresentam um personagem. Este é ligado ao mercado ilegal de drogas e acaba de sair do sistema penitenciário. Evidentemente, não quer voltar para o sistema. Se um dia sua liberdade lhe foi tirada, provavelmente foi resultado do encontro entre seu envolvimento com o comércio de drogas ilegalizadas e instituições repressivas do Estado. Nas ruas, as mais presentes delas são as polícias.

O relato de campo que segue essa descrição apresenta uma situação muito parecida. Fui apresentado à Bagdá por Jorge, interlocutores-chave desta pesquisa, em meio a uma circunstância um pouco tensa de encontro com a polícia numa rua da Favela da Galileia. Curiosamente, Bagdá havia saído da cadeia também há pouco tempo, assim como o

---

<sup>5</sup> O mesmo que apelido, mas geralmente associado ao mundo do crime.

<sup>6</sup> Termo utilizado para se referir a um bairro de periferia.

personagem dos Racionais MC's.

Como demonstram ambos os exemplos, essas são experiências concretas que fazem parte do cotidiano de grande parte dos bairros de periferia nas cidades do Brasil. Cotidianamente, relações entre agentes policiais e operadores do mercado de drogas ilegalizadas são constituídas para além da aplicação estrita da lei, perpassando as fronteiras porosas do legal e do ilegal (Telles, 2009), numa gama variada de possibilidades, desde a violência aberta até as negociações da possibilidade de aplicação da punição ou sanção, o que Misse (2006) categorizou como mercadorias políticas.

Este trabalho trata justamente das experiências dos baixos operadores do mercado de drogas ilegalizadas em uma cidade média de São Paulo, levando em conta, principalmente, as formas de funcionamento deste mercado e as relações destes baixos operadores com agentes policiais locais. Dialoga com o debate sobre o funcionamento dos mercados de drogas ilegalizadas, da relação de seus operadores com agentes estatais e a sociabilidade específica no “mundo do crime”. Mas procura avançar com relação a duas dimensões do debate. A primeira, ao propor uma pesquisa em uma cidade média, uma vez que a maioria dos estudos são em grandes centros urbanos, como São Paulo (Feltran, 2008; Hirata, 2010; Biondi, 2009), Rio de Janeiro (Grillo, 2013; Lyra, 2020), Belo Horizonte, (Beraldo, 2020; Rocha, 2015; Zilli, 2011), Maceió (Rodrigues, 2019), Fortaleza (Aquino, 2009). E a segunda dimensão está relacionada à problematização e pluralização do que a literatura sobre crime tem chamado “baixos operadores”.

Efetivamente, este é o argumento que desenvolvo neste texto. Ao longo das páginas que seguem, desenvolvo o argumento de que há diferentes perfis de baixos operadores do mercado de drogas que não se relacionam direta ou exclusivamente com a organização hierárquica de uma *biqueira* ou *boca de fumo*, como a literatura já demonstrou (Hirata, 2010; Grillo, 2013). A diferença que gostaria de evidenciar está relacionada com as diferentes formas de operar e ganhar a vida neste mercado e, sobretudo, com as relações que estabelecem com a polícia em torno do mercado ilícito de mercadorias políticas, tendo em vista sempre a perspectiva desses baixos operadores. Conforme descrevo, organizei essa diferença em três perfis: a escassez de recursos (econômicos, políticos, etc.) para transações de mercadorias políticas, a mobilização de recursos políticos / de influência atentando-se para a participação de agentes policiais em mercados ilegais e as proporções diversas de *biqueiras* e a mobilização de recursos, sobretudo econômicos, buscando uma redução na assimetria de poder. Descrevo e analiso esses três perfis a partir das histórias e experiências dos jovens em cumprimento de medidas socioeducativas (perfil de escassez de recursos), da *biqueira* de

Bagdá (perfil de recursos políticos e proporcionalidade de mercado) e das *lojinhas* com conexões com *irmãos* (perfil de atenuação da assimetria de poder).

A atenção às nuances, diferenças e complexidades dos modos como o mercado de drogas é operacionalizado “desde baixo” ganha ainda mais relevância e sentido em um contexto de expansão e internacionalização do PCC (Dias; Manso, 2017, Pinho; Rodrigues, 2023), que implica uma multiplicação e reorganização das hierarquias, papéis e relevância dos diferentes atores engajados no mercado de drogas ilegalizadas.

Partindo de uma perspectiva etnográfica (Aquino; Hirata, 2018), a pesquisa que deu origem a este trabalho foi conduzida a partir de incursões em dois cenários principais: bairros periféricos da cidade, notadamente a Favela da Galileia e a Mocidade, e o programa de medidas socioeducativas para adolescentes e jovens em conflito com a lei da cidade. Durante 8 meses acompanhei semanalmente as atividades do projeto de barbearia do programa de medidas socioeducativas, com o objetivo de apreender a experiência dos baixos operadores do mercado de drogas ilegalizadas local, neste caso, majoritariamente jovens de entre 15 e 18 anos. As atividades do projeto consistiam em aulas de corte de cabelo e cuidados estéticos para os meninos cumprindo medidas. Muitas vezes fui modelo para os cortes, mas nossas interações se davam ao longo de toda a aula.

Com o mesmo objetivo, periodicamente frequentei a Favela da Galileia e ocasionalmente o bairro da Mocidade, junto com Jorge. O meu ponto de observação na Favela da Galileia foi o estabelecimento comercial de Bagdá, onde funciona também sua *biqueira*. Sistematizando os registros apreendidos nesse conjunto de espaços, elaborei três perfis de baixos operadores do mercado de drogas ilegalizadas - os meninos das medidas, Bagdá e donos de *lojinhas* e *irmãos* do *Comando* - considerando os modos como transacionam mercadorias políticas ou se relacionam com agentes policiais e a forma com que se engajam no mercado de drogas. Nesse percurso, procurei explorar as nuances das tramas do mundo do crime e de modos de funcionamento de *biqueiras* localmente, para também complexificar a noção de “baixos operadores”, em diálogo com a bibliografia.

## **1.2 “Ser considerado em qualquer jurisdição”: inserções etnográficas no mundo do crime**

A perspectiva desta pesquisa se insere num conjunto de trabalhos que tem como proposta metodológica a etnografia para compreender o mundo do crime (Feltran, 2011). As formulações teórico-metodológicas de toda uma tradição de trabalhos etnográficos sobre o

universo do crime buscam abordagens analiticamente “positivadoras” das práticas criminais, afastando-se de interpretações que descrevem-nas pela “falta” ou “ausência” (de Estado, de moralidade, de condições financeiras, etc.), evitando assumir unilateralmente uma perspectiva jurídica, Estado-centrada ou acusatória das práticas criminais (Aquino; Hirata, 2018). Tendo isso em vista, o método etnográfico a partir da descrição densa e do diálogo com categorias êmicas se torna especialmente produtivo nesse contexto, assimilando o crime enquanto um ordenamento social co-produtor de dinâmicas sociais mais abrangentes, não sendo um produto inerte ou passivo, mas uma sociabilidade específica (Grillo, 2013; Feltran, 2012).

No início da pesquisa, apesar de já conhecer alguns bairros periféricos da cidade e ter contato com mediadores de possíveis interlocutores, a entrada em campo apresentou algumas dificuldades. Conforme previsto no projeto, metodologicamente a estratégia seria apreender as experiências de baixos operadores do mercado de drogas ilegalizadas a partir de entrevistas semi estruturadas e registros de outras interações e diálogos informais em um caderno de campo.

O primeiro contato com possíveis interlocutores, mesmo tendo sido intermediado por uma pessoa conhecida, apresentava certa desconfiança, o que era de se esperar, dado que esses sujeitos estão inseridos em atividades ilegais e meu intuito era, justamente, conhecer mais sobre estas atividades. Muitas vezes eu não obtinha resposta em um tempo hábil para um encontro ou entrevista de forma pré-agendada, além de outras vezes em que não obtive resposta alguma. Diante dessa situação, optei por criar um arquivo de notícias de fontes de jornais e mídias locais, a fim de acompanhar atividades policiais contra o comércio de drogas em alguns bairros da cidade. Apesar de limitada, a ideia era conhecer um pouco mais os locais onde ocorrem essas incursões registradas, a forma como estes conflitos são reportados por tais meios e a frequência com que aparecem nesses veículos de informação, buscando auxiliar, assim, na construção de um panorama sobre o tema.

Outra estratégia foi acompanhar as atividades do programa de medidas socioeducativas para jovens e adolescentes da cidade, considerando que grande parte destes jovens estão inseridos no mercado de drogas ilegalizadas, possibilitando apreender suas experiências com o mundo do crime durante as atividades. Como frequentei semanalmente o projeto da barbearia, tive contato com muitos meninos que passaram por lá e pude me aproximar, na medida do possível, de alguns deles. O que era para ser uma alternativa às tentativas frustradas de acesso ao campo, acabou se consolidando como parte essencial da pesquisa e rendeu ótimos diálogos, observações e amizades.

Concomitantemente, continuava em contato com possíveis interlocutores. Após alguns meses sem sucesso, finalmente foi possível um contato mais direto com um interlocutor, Jorge, que se tornou chave para o desenvolvimento da pesquisa e a partir do qual fui apresentado aos lugares e às pessoas que constituem o cenário e os personagens dos postos de observação deste trabalho. Através de Jorge conheci a Favela da Galileia, o bairro da Mocidade e Bagdá.

Destarte, tanto durante as atividades da barbearia no programa de medidas socioeducativas quanto durante as incursões às *quebradas* ou encontros pontuais com interlocutores, o método da realização de entrevistas perdeu o sentido, já que as atividades do programa eram realizadas em pequenos grupos e contavam com a presença de orientadores, o que circunscrevia os diálogos nas dinâmicas propostas para as atividades, e no caso das incursões, além de não registrarem o movimento de pessoas e do contexto do local, a ideia de entrevistas não era bem recebida. A primeira vez que fui sozinho à Favela da Galileia, encontrei com Bagdá e perguntei se seria possível realizar uma entrevista com ele. A resposta foi: “Senta aí, bebe uma cerveja e vamos trocar ideia, mano. Já tá fazendo sua entrevista. Depois você vai lá e anota as *paradas* no seu caderninho.”

Foi exatamente o que fiz. O método desta pesquisa passou a ser apenas os registros em caderno de campo das incursões à Favela da Galileia e outras *quebradas*, bem como do acompanhamento das atividades do programa de medidas socioeducativas. Todos os registros foram realizados logo após aos acontecimentos, com o intuito de preservar ao máximo possível os detalhes das interações e observações. Inevitavelmente, algumas partes de diálogos não foram possíveis de manter integralmente, por esse motivo são apresentados ao longo do texto de forma descritiva e com pequenos trechos ou falas que consegui registrar. Esses registros foram posteriormente sistematizados para construir o argumento deste trabalho. Juntamente com a ideia de entrevistas, não foi produtivo o arquivo de notícias, o qual abandonei assim que tive um melhor acesso ao campo, felizmente.

Pensar o percurso da pesquisa como inserções etnográficas, através da observação participante, passou a fazer mais sentido diante desse cenário, que vai de encontro também com as formulações teórico metodológicas com que o trabalho dialoga desde o início. Ou seja, apesar de se modificar o método específico a ser utilizado para o trabalho de campo, os pressupostos metodológicos em diálogo com uma literatura etnográfica do mundo crime se mantiveram, talvez até de forma mais precisa: compreender o mundo do crime a partir de uma dimensão produtiva de suas práticas e relações (Aquino; Hirata, 2018).

Considerando que o trabalho de campo foi realizado em lugares diferentes, é preciso destacar que o programa de medidas socioeducativas e as *quebradas* se vinculam a partir de um denominador comum: o mercado de drogas ilegalizadas. Esses postos de observação serão utilizados de forma complementar na análise ao longo do texto, dado que nos mostram diferentes trajetórias e sujeitos de uma atividade em comum. Essa dupla inserção foi justamente o que permitiu explorar as nuances que constroem o argumento deste trabalho, no sentido de compreender o que há de comum entre as trajetórias observadas nesses espaços, o fato de serem baixos operadores, considerando ainda a internacionalização deste mercado via PCC, e as diferenças na experiência que cada uma delas expressam, sistematizadas a partir da forma com que os sujeitos se engajam no mercado de drogas e transacionam mercadorias políticas.

Em ambos os casos, mas principalmente durante as visitas à Favela da Galileia, a entrada em campo foi atravessada por estranhamentos, que revelaram distanciamentos e aproximações ao longo do tempo. Como já muito discutido metodologicamente nas ciências sociais, não é possível separar o pesquisador, sua corporalidade e sua trajetória de vida, dos processos da pesquisa. É preciso levar em conta essas dimensões e o que isso significa em contato com o campo e interlocutores.

Com exceção de alguns orientadores e funcionários das medidas socioeducativas, todos meus interlocutores são homens negros. A maior parte das pessoas que vivem em periferias brasileiras são negras. Eu sou um homem branco, de classe média, circulando por esses espaços e realizando uma pesquisa sobre crime e mercado de drogas. O que esse “braquelo”, como me apelidou Bagdá, está fazendo aqui? Eu percebia que esse era o questionamento que meus interlocutores faziam para si mesmos. Inicialmente, conversavam com desconfiança e performavam com certo exagero elementos do que se pensa, no senso comum, ser de uma sociabilidade do crime, bastante masculinizada, vale frisar. Whisky, maconha, cerveja, fotos de armas e um tratamento hostil. Passei por todos esses “testes”.

Conforme as conversas se desenvolviam e de alguma forma nos aproximávamos, surgiam também aspectos em comum. Falávamos sobre as letras e artistas de rap, sobre o sentimento de torcer para o Corinthians, considerado o time de futebol do povo, sobre a violência da polícia nas *quebradas*, tatuagens, gírias e expressões populares. Não era essa a imagem que haviam construído de mim de forma prévia. Era mais parecido com a ideia do *playboy* da universidade. Aos poucos isso foi se transformando em uma abertura maior para diálogos. Eu também compartilhava de certos pressupostos que valorizavam. Durante uma conversa com Bagdá, ele me observou enquanto eu falava e comentou: “Você é *playboyzinho*”

assim mas pensa igual favela mano”. Esse repertório fora do universo acadêmico foi tão importante quanto o domínio da literatura para a realização deste trabalho, por isso procuro dialogar com outras formas de conhecimento também para a construção do texto. O samba de Bezerra da Silva, “Se não fosse o samba”, traz um verso muito emblemático nesse sentido: “Humildemente agradeço / E digo pra eles, estou muito seguro / Porque sou bom malandro e não deixo furo / E sou considerado em qualquer jurisdição”. Não se trata aqui de ser um “bom malandro”, mas de tentar ser considerado em qualquer jurisdição, no sentido do *habitus* bourdieusiano, seja no campo acadêmico ou entre *quebradas*.

Por fim, vale destacar que os nomes de pessoas e bairros foram ficcionados, assim como se manteve o anonimato da cidade e de alguns detalhes de cenas descritivas, por questões éticas em pesquisa e de segurança, considerando que grande parte dos interlocutores estão envolvidos com atividades ilegais e podem estar expostos a eventuais represálias e riscos.

### **1.3 Etnografias sobre mundo do crime, mercados ilegais e mercadorias políticas: diálogos com a literatura**

A literatura brasileira sobre mercados de drogas ilegalizadas se consolidou a partir das discussões sobre conflito urbano e, mais tarde, sobre “mundo do crime” (Feltran, 2008) na área da sociologia urbana. Enquanto um campo de pesquisa sociológico, os primeiros trabalhos priorizaram a perspectiva etnográfica (Ramalho, 1979; Misse, 1999; Zaluar, 1984) e inauguraram novos caminhos para objetos e perguntas de pesquisa. Inspirado nesse contexto, realizaram-se produções que visavam compreender o funcionamento de mercados ilegais de drogas, tanto nos quesitos de produção, distribuição e organização do comércio varejista de drogas quanto no âmbito político que envolve esse setor da economia criminal (Aquino; Hirata, 2018). Antes do debate acerca dos mercados ilegais, se faz pertinente retomar o plano de fundo e o acúmulo teórico da discussão, que pensavam as questões mais gerais dos ilegalismos nas dinâmicas urbanas e de outras práticas criminais.

Feltran (2011) trabalha uma ideia central para a compreensão dos mercados de drogas ilegalizadas no Brasil. A década de 1990 se constitui como um ponto de inflexão de escala e dinâmicas desses mercados, o fenômeno das facções (marcadamente o PCC no estado de São Paulo) e o comércio internacional da cocaína aumentam e otimizam a circulação de capital no

mercado em grandes níveis, proporcionando também a inserção maior de armas no geral e de grande porte, como fuzis e granadas, além de sistemas de comunicação e vigilância mais efetivos (Feltran, 2011).

Embora o tráfico de drogas não se caracterize como crime violento, se enquadra nas representações da “violência urbana” na medida em que adquire uma configuração particular. Michel Misse constrói um panorama histórico dos ilegalismos e das periferias no Rio de Janeiro e interpreta um ordenamento social cumulativo da violência, que se encontra também em outros centros urbanos no Brasil (Misse, 2008). O autor identifica o início desse processo nos anos 1950, marcadamente pela criação dos “Esquadrões da Morte” no Rio de Janeiro, sob a lógica do “justiceiro”, e que se desenvolve num ciclo ascendente de escalonamento da violência urbana. A ideia que implica esse ordenamento é a de “incriminação” que o autor elabora para situações legais e extra-legais:

“Uma vez que haja “criminação” de um evento, isto é, que este evento seja interpretado como “crime”, então se passa – sem intervalo que não seja analítico – para a “incriminação”, isto é, para a nomeação de sua autoria, para a busca e punição de seu sujeito causal. Não se trata apenas de uma cronologia legal, que leva da criminalização à criminação e à incriminação – essa é uma direção racional-legal. Como se sabe, nas práticas sociais a incriminação pode se antecipar preventivamente à criminação: antes que haja crime, há um criminoso potencial desse crime a ser incriminado.” (Misse, 2008, p. 379)

Sendo plausível tanto em contextos legais quanto extra-legais, e antecipadamente à um ato criminoso, esse processo cria a noção de um inimigo social em constante ameaça, um *outro* a ser combatido. Esse *outro* reside justamente nas periferias, favelas e territórios marginalizados da cidade, que passa a ser territorialmente e simbolicamente associado à violência e a transgressão da lei. O que há, portanto, é a criminalização da pobreza.

Misse (2006; 2007) também elabora conceitos centrais que foram amplamente utilizados nas pesquisas sobre “mundo do crime” e mercados ilegais e que se faz central também para este projeto de pesquisa. A categoria de *mercadorias políticas* se mostra especialmente produtiva para analisar as formas como sujeitos envolvidos em atividades criminais se relacionam com agentes estatais. As *mercadorias políticas* são, em síntese, “toda a mercadoria que combine custos e recursos políticos (expropriados ou não do Estado) para produzir um valor-de-troca político ou econômico” (Misse, 2006, p. 170), que variam num leque de clientelismo à extorsão, numa relação que é necessariamente assimétrica entre as

partes. A partir desse conceito é possível interpretar essas negociações fora de sua chave moral e permite captar sua integração aos mercados ilegais, em que a própria sobreposição dos mercados de *mercadorias políticas* com mercados ilegais produz o atravessamento da violência em suas relações, pensando principalmente o mercado de drogas ilegalizadas.

O diálogo teórico que perpassa os trabalhos inseridos na linha de pesquisa apresentada se conecta com as formulações de Foucault (1999; 2008) sobre poder e ilegalismos, principalmente. A ideia de Misse, que é compartilhada com outros/as autores/as da área, converge com a ideia foucaultiana de gestão diferencial dos ilegalismos (2008). Os mercados de drogas ilegalizadas se inserem muito além das camadas mais pobres da sociedade, pelo contrário, constitui um mercado internacional muito lucrativo. Entretanto, grande parte das incursões violentas do Estado e do encarceramento são voltadas para a população mais socialmente vulnerável, enquanto que a mesma infração da lei, comércio de drogas ilegalizadas, é proporcionalmente muito menos punida nos setores mais privilegiados da sociedade.

Do ponto de vista do senso comum e das explicações sociológicas hegemônicas do período, a noção de “violência urbana” era mobilizada como categoria analítica para expressões do conflito urbano. Luiz Antônio Machado da Silva propõe perspectivar a “violência urbana” enquanto representação de práticas e modelos de conduta subjetivamente justificados (Machado da Silva, 1999), realocando-a enquanto objeto de análise ao invés de conceito. Dessa forma, o conjunto de práticas criminais de ameaça à vida e propriedade, crime comum violento, torna-se tema a ser investigado sociologicamente a partir de uma perspectiva positivada do “crime”, ou seja, que procura se afastar de explicações pela ausência (de Estado, moralidade, punição) (Aquino; Hirata, 2018). O próprio Machado da Silva (2004) possui uma contribuição seminal para este debate ao cunhar a noção de *sociabilidade violenta* (Grillo, 2019; Machado da Silva, 2004; Menezes, 2020). Essa categoria tem como ideia central ser um modo de vida específico que orienta as ações desses sujeitos inseridos nas representações da “violência urbana”, se configurando como um complexo de práticas do qual a força é um princípio de coordenação (Machado da Silva, 2004). Essa ideia foi discutida e revisitada por vários autores em sequência, como Grillo (2019), de forma crítica. Por mais que seja contestada em alguns sentidos, alterou o paradigma de análise do campo ao representar um ordenamento e modo de vida específico às relações engendradas pelas práticas criminais.

Os trabalhos seguintes que levaram em conta essa perspectiva, compreenderam um ordenamento e uma sociabilidade específicos das atividades criminais em periferias e áreas pobres da cidade (Machado da Silva, 2004; Misse, 2008; Feltran, 2008). Feltran, ao analisar as periferias de São Paulo, argumenta que a expressão “mundo do crime” não refere-se apenas a práticas ilegais, mas às relações que se estabelecem entre sujeitos envolvidos em atividades ilegais e também se espraiam para aqueles que não estão engajados em grupos e atividades criminais, afetando e orientando também a vida cotidiana nas periferias:

“[...] A expressão “mundo do crime” significa, aqui, uma representação do conjunto de relações sociais e discursivas que se estabelecem, prioritariamente no âmbito local, em torno dos negócios ilícitos do narcotráfico, dos roubos, assaltos e furtos. [...] Assim, o “mundo do crime” é também um ambiente de sociabilidade, e o argumento é que ele tem se expandido para além dos praticantes de atos ilícitos.” (FELTRAN, 2008, p.2)

Esse “ambiente de sociabilidade que tem se expandido para além dos praticantes de atos ilícitos” se constitui enquanto um *regime normativo* que convive juntamente com a ordem institucional-legal, ainda segundo o argumento de Feltran (2014). Sendo assim, os mercados de drogas ilegalizadas, assim como outras atividades criminais, atravessam a experiência cotidiana nos territórios marginalizados do espaço urbano, tanto como ponto de venda quanto forma de sociabilidade peculiar. Ainda sobre o funcionamento de mercados de drogas ilegalizadas, tratando-se de produções mais próximas ao campo empírico aqui proposto, Daniel Hirata (2010), Karina Biondi (2010) e Camila Dias possuem contribuições importantes para se pensar o contexto de São Paulo, bem como Carolina Grillo (2013) e Diogo Lyra (2020) para o Rio de Janeiro.

A obra “Sobreviver na adversidade: mercados e formas de vida”, de Daniel Hirata, procura entender as trajetórias de moradores de um bairro de periferia em São Paulo envolvidos em atividades ilegais e com o “mundo do crime”. No sentido da presente pesquisa, o autor registra e analisa a atividade de uma “biqueira”, considerando também as relações com a polícia, à vista da circulação e negociação de *mercadorias políticas*. Biondi (2010) realizou a primeira etnografia sobre o Primeiro Comando da Capital (PCC). Nesse trabalho seminal, a autora revela as dinâmicas únicas do *partido*<sup>7</sup> em relação a outros coletivos criminais, por não ser uma estrutura piramidal empresarial ou hierárquica, mas sim horizontal e dissipada, perpassando pelas experiências no sistema prisional e suas

---

<sup>7</sup> Termo utilizado para se referir ao Primeiro Comando da Capital.

reivindicações na construção da identidade, valores e práticas da facção. Camila Dias (2011), em sentido complementar, analisa a expansão e consolidação do PCC nas penitenciárias paulistas, até a sua situação de hegemonia, incluindo também como as formas de autocontrole impostas pelo *partido* mudaram as relações entre presos (Dias, 2011).

Grillo, em “*Coisas da vida no crime: tráfico e roubo em favelas cariocas*”, faz uma etnografia em favelas do Rio de Janeiro controladas pela facção Comando Vermelho, que investiga as formas de funcionamento do “tráfico” de drogas e os caminhos que se desenvolvem no “mundo do crime” carioca. Lyra (2020) trabalha a relação de jovens de favelas cariocas com os mercados de drogas ilegalizadas, levando em conta o trabalho na *firma*<sup>8</sup> e as trajetórias e escolhas individuais desses jovens, bem como a forma com que se relacionam dentro dessas atividades. Todos esses trabalhos contribuíram para a inteligibilidade das dinâmicas dos mercados de drogas ilegalizadas partindo das concepções nativas<sup>9</sup>.

Há também uma série de contribuições fora do eixo Rio de Janeiro - São Paulo com perspectivas de pesquisa semelhantes sobre a sociabilidade específica no “mundo do crime”. Em Belo Horizonte, Beraldo (2021), Rocha (2017) e Zilli (2011) procuram analisar as dinâmicas de violência entre *gangues* e também indivíduos em áreas periféricas da região metropolitana da cidade. Constatam aspectos simbólicos e normativos que orientam o sentido das violências nesses territórios, como “guerras” e assassinatos, que, como argumentam, estão atravessados por moralidades e *regimes normativos* distintos da norma institucional-legal. Na região do Nordeste, Aquino (2009) realizou uma etnografia da performance de um assalto contra uma instituição financeira e explorou os dilemas e tensões vividos por esses sujeitos sobre a situação pautada e no cotidiano, explorando a complexidade dessas vivências (Aquino, 2009). Em Maceió, Rodrigues (2019) analisou a forma com que a existência de facções rivais afeta as dinâmicas do sistema socioeducativo alagoano e também em periferias da cidade, explorando as aproximações circunstanciais de jovens com determinadas facções e as consequências que implicam esse processo, dentro e fora do sistema socioeducativo (Rodrigues, 2019).

Para pensar a relação dos baixos operadores com a polícia num quadro fora do Brasil, o trabalho de (Cozzi, 2019; 2022) emerge como uma referência importante. Eugenia Cozzi

---

<sup>8</sup> Ver Diogo Lyra (2020).

<sup>9</sup> No sentido antropológico do termo, de categorias mobilizadas pelos próprios sujeitos inseridos em determinadas relações sociais.

pesquisou a relação entre jovens de camadas populares envolvidos em atividades ilegais e a polícia em Rosário, Argentina. Em seu trabalho utiliza também a categoria de *mercadorias políticas* de Misse para analisar as negociações entre os dois grupos no contexto local e procura mostrar determinadas situações em que essa prática é vista como legítima ou ilegítima, mobilizando as noções nativas de “*arreglar*” ou “*trabajar*” para compreender essa dinâmica (Cozzi, 2019), o que demonstra outra face das relações que envolvem as trocas de *mercadorias políticas*. O termo aqui utilizado, de “mercados de drogas ilegalizadas” dialoga com a perspectiva da autora. Cozzi enfatiza que o emprego do termo “ilegalizadas ao invés de “ilegais” explicita de forma mais acurada os processos sociais que tornam o consumo, a produção e a comercialização de certas substâncias ilegais.

## **2. Perfis de baixos operadores do mercado de drogas ilegalizadas a partir de transações de mercadorias políticas com agentes policiais**

*Na blitz, no enquadro, o GOE com a doze na mão  
Vi minha vida por um fio escorrendo no escadão  
Mas quem não deve, não teme  
Mas treme, se treme - aqui teme  
Trombar na calada o camburão da PM  
Que adota o regime da ditadura  
Método eficaz da polícia: tortura  
(Alô polícia - Império ZO)*

A violência aberta é uma das formas com que a polícia se relaciona com quem a encontra na rua. A tortura, método expoente da ditadura militar brasileira, não ficou restrita a esse tempo histórico, sua existência sinistra convive com a nossa jovem democracia. O que os versos do rap de Império ZO nos mostram é uma realidade conhecida por quem vive nas periferias das cidades do Brasil. Mesmo que de forma ilegal e tenebrosa, a tortura ainda é um “método eficaz” da instituição quando se trata do governo das populações desses territórios, como será brevemente abordado nessa seção.

Lyra (2020) argumenta que dentro do contexto do mercado de drogas ilegalizadas, os que mais estão expostos a riscos, inclusive a este tipo de violência, são os estratos mais

baixos dos operadores deste mercado, os que estão na ponta do comércio a varejo, os quais chamou de “operários da *firma*”.

Mas a violência também não é o único modo. Evidentemente que existe a aplicação estrita da lei, sem a utilização de meios ilegais/ilegítimos. Assim como existe uma gama de modos como essas relações se estabelecem, que vão desde o clientelismo até a extorsão, combinando recursos políticos (expropriados do Estado ou não) para produzir valor-de-troca econômico ou político, dos quais Misse (2006) conceitualizou como “mercadorias políticas”.

Eugenia Cozzi (2019), analisando o contexto da cidade de Rosário, na Argentina, diferencia pelo menos duas maneiras com que jovens engajados no mundo do delito se relacionam com a polícia - “arreglar” e “trabajar”. A principal diferença entre elas é a forma como transacionam mercadorias políticas com policiais e sua legitimidade dentro do mundo do delito. “Arreglar”, que poderia corresponder a algo como os “acertos” ou “arregos”, já mencionados pela literatura brasileira, é considerado uma forma legítima e mais antiga de lidar com a polícia, buscando reduzir os danos durante a aplicação de uma sanção legal. “Trabajar” já significa ativa e constantemente negociar com policiais para maximizar a proteção e ganhos de atividades ilegais, principalmente no mercado de drogas ilegalizadas.

Considerando, portanto, o conceito de mercadoria política de Misse (2006) e as formas de vínculo entre jovens engajados no mundo do delito e policiais, elaboradas por Cozzi (2019), o objetivo desta seção é elaborar perfis de baixos operadores do mercado de drogas ilegalizadas no contexto analisado segundo modos de transação de mercadorias políticas com agentes policiais. Para isso, apresento a seguir relatos de campo para articular estas ideias.

## **2.1 Os meninos das medidas: escassez de recursos**

Cheguei no espaço das medidas socioeducativas por volta das 14 horas. Nesse momento penso que o curso de barbearia é um projeto interessante, mas o esvaziamento do curso e a dinâmica mais rígida das aulas acaba não favorecendo muito o contato e conversas que fogem do tema das práticas de corte, principalmente nessa etapa final do curso. Mesmo assim, estar com Zeca, que sempre frequenta as aulas, Carlos e os orientadores das medidas é bom e rende algumas conversas interessantes.

Eu e Carlos esperamos Zeca no andar de baixo. Ele me pergunta como estava indo a faculdade e sobre os rolês no fim de semana. Sem grandes novidades. Poucos momentos depois, Carolina chega com Zeca. Ele havia acabado de chegar e estava contando da sua

situação. Zeca chegou *virado* e não tinha ido na escola, como das últimas vezes. Dá para perceber que sua concentração não está nas melhores condições durante as aulas à tarde.

Subimos as escadas para a sala onde acontecem as atividades da barbearia e esperamos Carolina trazer um modelo para o corte de cabelo, como de costume. O corte da vez seria para João, um menino de 10 anos que participava de outro projeto da instituição. Carlos vem deixando Zeca fazer o corte sozinho, vai apenas reforçando qual o passo ele deve seguir, dando direções e só em último caso o ajuda praticamente. Dessa vez Zeca estava realmente disperso. A todo momento se esquecia de como prosseguir com o corte e não conseguia segurar a máquina de barbeiro direito. Carlos me olhou dando risada e fez um gesto de fumar maconha, zoando Zeca. Durante esse momento, ficamos apenas olhando Zeca praticar e comentando vez ou outra.

Quando o corte acabou, Carlos perguntou se ele estava chapado. Zeca respondeu que não fuma maconha antes de ir para as atividades das medidas, que estava só cansado por não ter dormido e trabalhado na *biqueira* durante a noite. Como meu cabelo ainda não estava comprido o suficiente para cortar de novo, pois havia sido modelo na semana anterior, Carlos propôs o exercício da navalha na bexiga. O objetivo é treinar as finalizações com a lâmina. Sentamos eu, Carlos, Carolina e Zeca na mesa e pudemos trocar uma ideia durante a prática. Como estava perto do horário de encerramento, Carolina perguntou se Zeca iria embora de ônibus. Ele respondeu que havia perdido o passe que pegou com a secretaria das medidas, onde normalmente fica Célia.

*Carolina: Então você passa lá agora na saída pra resolver isso, tem que pegar outro com ela.*

*Zeca: Cê é louco, a dona vai ficar brava comigo, ela embaça quando acontece essas fita, a dona encrenca [...] Os cara logo quebraram o passe na minha frente, eles veem que é figura conhecida, já tá ligado quem é e vai pra cima.*

*Eu: Mas isso foi na rua, do nada?*

*Zeca: É mano, esses polícia aí já me pegaram várias vezes lá na lojinha, eu conheço eles, quando você fica marcado já era.*

**(Trecho do diário de campo)**

Depois desse breve diálogo, Zeca ainda comentou que já presenciou situações parecidas com parceiros durante outros *enquadros*<sup>10</sup>. Contou que certa vez um policial, que também já conhecia seu colega com quem estava junto no momento, quebrou o celular do jovem na sua frente, dizendo ter sido comprado com dinheiro do “tráfico”. Naquela ocasião, estavam apenas conversando na rua quando a polícia chegou.

\*\*\*

Outubro de 2024. Cheguei nas medidas e encontrei com Carolina. Ela estava indo para o espaço onde acontecem outros projetos da instituição, um pouco afastado do prédio onde se realizam as atividades das medidas socioeducativas. Ela precisava reservar uma sala para uma dinâmica que aconteceria depois. Me convidou para irmos juntos e conversando durante o caminho. Assim fomos. Ela me conta que tem percebido um aumento de situações de violência durante abordagens policiais entre os meninos, seja durante o expediente de trabalho na *biqueira* ou fora dele. Lembra que sempre foram abordagens violentas, mas o nível de violência tem se intensificado. Comentou de um caso que aconteceu recentemente. Um dos adolescentes que cumpre medida no programa, de 16 anos, foi pego por policiais enquanto trabalhava numa *biqueira*. Ele correu e jogou as mercadorias fora. Foi levado para a delegacia. Lá os policiais perguntaram sobre uma arma. Respondeu que não estava com nenhuma arma no local. Foi espancado e violentado com um cabo de vassoura introduzido no ânus, como forma de tortura para adquirir a informação sobre uma arma. Ele foi liberado depois de ficar detido.

Fiquei espantado e com certo nojo da história que tinha acabado de ouvir. Perguntei a Carolina o que poderia ser feito nesses casos. Mas como denunciar a polícia para a polícia? Me respondeu que enquanto programa de medidas socioeducativas, essas informações devem ser integradas aos relatórios que os orientadores produzem periodicamente sobre o acompanhamento de cada adolescente. Cabe aos órgãos competentes da prefeitura como prosseguir, com uma investigação ou a criação de uma forma de prevenir esses casos de violência. Carolina ainda complementa que, infelizmente, policiais utilizam tipos similares de violência como forma de extorsão ou obtenção de informação. Diz que os meninos relatam outro caso que é recorrente, ainda se tratando de armas. O policial ameaça forjar um flagrante com uma quantidade grande de drogas ou faz o uso da violência física para fechar um acordo.

---

<sup>10</sup> Termo utilizado para se referir a abordagens policiais.

Exige que o jovem consiga uma arma, geralmente uma pistola ou revólver, e a entregue para ele em um determinado prazo, em troca da não punição das suas atividades ilegais. No instante em que me falava desses episódios, chegamos de volta no prédio das medidas. Cumprimentamos Célia e subimos as escadas para encontrar Carlos. Nesse dia nenhum dos meninos compareceu à aula.

\*\*\*

Essas duas cenas representam, em linhas gerais do que pude observar, a forma com que os jovens comerciantes do mercado de drogas ilegalizadas se relacionam com agentes policiais cotidianamente na cidade. Segundo Misse (2006), a categoria de mercadoria política se dá necessariamente num contexto de relações assimétricas de poder. Observando o caso empírico desses jovens, essa assimetria se mostra tão acentuada que em certos momentos a extorsão não é correspondida e se traduz em atos violentos de repressão.

Nesse sentido, um adolescente engajado no comércio de drogas ilegalizadas está sujeito a situações como a que Carolina me descreveu sobre o adolescente levado à delegacia. Foi torturado e violentado na tentativa de extorsão do policial. Este jovem não tinha recursos para a negociação da não aplicação de uma punição. Por outro lado, também não havia a possibilidade do cumprimento estrito da lei na forma de um flagrante, já que não foi encontrada nenhuma mercadoria ilegal com ele. Apenas a evidência de que estava num local de comércio de drogas. O ato de violência bárbaro se deu ainda na conjuntura de trocas ilícitas, de transação de mercadorias políticas.

De forma similar, o *enquadro* experienciado por Zeca e seus colegas traz essa mesma questão, mas com um detalhe importante. Ele diz que “quando você fica marcado já era”, ou seja, os agentes policiais passam a memorizar suas feições de abordagens e patrulhamentos por *biqueiras* em que trabalham. Quando encontram com esses jovens na rua, mesmo que não estejam realizando nenhuma atividade ilegal, são punidos com práticas com essas que descreveu, a quebra de celulares ou documentos pessoais.

Esses jovens dificilmente podem negociar um “acerto” com a polícia em troca de sua liberdade ou livre funcionamento das vendas de uma *biqueira* (Hirata, 2010). E quando o fazem, é sempre em acordo com o dono da *lojinha*, que fornece o valor solicitado. Sempre que realizam essas trocas ilícitas com recursos da *lojinha*, como armas, drogas ou dinheiro, adquirem dívidas. Parte da remuneração de seu trabalho passa a ficar com o dono para pagar o que se deve. Considerando as experiências desses jovens, é possível apontar para um perfil

específico de baixo operador do mercado de drogas ilegalizadas quando se trata da relação cotidiana com a polícia. Essa relação é marcada por uma grande assimetria de poder e a escassez de recursos para a transação de mercadorias políticas. Ou seja, além de estarem mais expostos a riscos durante o expediente de trabalho ou a possibilidade de ter parte da sua remuneração retida, também no âmbito das trocas ilícitas possuem poucos meios de negociação, o que torna episódios de violência e repressão mais plausíveis. Entretanto, há outras formas com que baixos operadores do mercado de drogas se relacionam com a polícia.

## **2.2 Bagdá e sua *biqueira* na Favela da Galileia: recursos políticos e proporcionalidade de mercado**

Bagdá tem 38 anos. Nasceu no meio do trajeto entre o estado de Pernambuco e a cidade em que foi realizada esta pesquisa, no interior de São Paulo. Sua mãe estava fugindo de seu pai por ameaças e situações de violência. Desde o início se instalaram na Favela da Galileia, onde ainda não existia nenhuma infraestrutura urbana, apenas barracos e ruas de terra. Aos 11 anos já estava trabalhando em *biqueiras* aos arredores do bairro. Já teve algumas passagens pelo sistema carcerário. A última foi há 5 anos, da qual saiu recentemente. Faz parte de um grupo de rap e canta eventualmente em festas na favela e em outras casas de shows. Há um tempo Bagdá é dono de uma *biqueira* no território onde hoje abriu um estabelecimento comercial. Já teve funcionários, como os meninos das medidas, mas atualmente administra o negócio sozinho. Tem pretensões de sair do mercado de drogas, por isso trabalha apenas com a venda de maconha, haxixe e lança perfume de forma mais frequente. Eventualmente vende também cocaína, bala e outros sintéticos. Apesar de ter mantido bom relacionamento com os irmãos do *Comando* na cadeia, o que representa consideração no crime, faz seu próprio *corre* na rua, ou seja, não é *batizado* no PCC e nem estabelece uma relação ativa com a organização. Sua *lojinha* é independente, não é cadastrada no *Comando*.

Diferentemente dos meninos das medidas socioeducativas, Bagdá não está cotidianamente em um ponto de comércio de drogas muito conhecido - tanto por compradores quanto pela polícia. A sua *biqueira* funciona concomitantemente à dinâmica de seu estabelecimento, de forma mais discreta. Esporadicamente realiza negócios com agentes ou ex-agentes policiais que atuam também em mercados ilegais, tanto de drogas quanto outros. Por essas razões, raramente tem problemas com agentes policiais, mesmo que não realize “acertos” para o livre funcionamento do comércio. Além disso, é muito considerado

na Favela da Galileia. Realiza eventos para a comunidade na rua, como celebrações de festa junina ou páscoa. É reconhecido como uma pessoa que tem *proceder* (Marques, 2010) e se importa com o bairro, sendo até inspiração para os mais novos. Algumas cenas ajudarão a elaborar o que foi apresentado.

Eu estava junto com Jorge e Bagdá em um boteco na Favela da Galileia. Jorge comentou que um parceiro estava com uma carga de uma mercadoria roubada e procurava um comprador. Bagdá disse que conhecia alguém que ”mexia com essas coisas”. A partir desse momento, começaram a entrar em contato com possíveis compradores e negociar os preços. Entre mensagens e áudios no celular, fomos conversando sobre crime, quebradas, polícia e rap. Foi difícil entender completamente o que estava acontecendo. Achei melhor não perguntar. A carga era avaliada em um valor alto. A ideia era ajudar o parceiro de Jorge a achar um comprador, cobrar uma quantia a mais no preço final e dividir este valor entre Jorge e Bagdá. A todo momento Bagdá reclamava do valor oferecido por um possível comprador: “Não sei o que ele tá querendo, já sabe qual é o *proceder*, é metade da nota<sup>11</sup> e já era, tá *tirando*<sup>12</sup>.”

Paralelamente à negociação, Bagdá estava organizando um evento de páscoa na Favela da Galileia. Gostaria de distribuir ovos de chocolate e caixas de bombom para as crianças do bairro. Acionava conhecidos no crime, donos de outras *biqueiras* e *irmãos* do *Comando*, para conseguir verba para comprar os produtos. Além do crime, falava com vereadores da cidade. Mostrou o contato no celular de algumas pessoas que dizia serem políticos da cidade: “Aí ó, tá tudo na nossa mão, nós que põe eles lá”. Jorge também falava com um vereador que conhecia. Ajudava Bagdá a conseguir chocolates e também exigia um palco, com tenda e banheiros químicos para realização do evento. Pediram que fosse na rua. O vereador insistia para ser na quadra do bairro. Bagdá perdeu a paciência: “Vai fazer evento pros *boy* tem tudo, quando é na favela fica miguelando as coisas. Vou cobrar até fazer. É nós que ta organizando, não vai ser na quadra porra nenhuma, vai ser na rua”.

Certo momento Bagdá perguntou sobre o que eu fazia. Expliquei brevemente a pesquisa que estava começando a realizar. Quando comentei da polícia na cidade, Bagdá sempre fazia questão de se referir aos agentes policiais como *vermes* ou *insetos*. Mencionou que a maior parte das *lojinhas* do bairro pagam o “acerto” para o funcionamento do comércio de drogas, mas que atualmente queria estar longe dessas *tretas*<sup>13</sup>. Jorge mencionou que o

---

<sup>11</sup> Sinônimo de valor, nesse caso.

<sup>12</sup> Gíria para expressar inconformidade ou afronta.

<sup>13</sup> Sinônimo de problema.

rapaz que estavam negociando era um ex-agente policial, tendo iniciado suas atividades em mercados ilegais ainda quando estava em atividade na instituição. Bagdá conhecia o rapaz, já recebeu uma proposta dele para trabalharem juntos. Disse que a polícia da cidade mata muito nas *quebradas* e mencionou a chacina na Mocidade, evento marcante que ocorreu alguns anos atrás, onde 7 pessoas foram vítimas letais da violência policial. Expressei indignação com a situação e disse que achava importante uma versão alternativa da hegemônica, feita por quem foi vítima dessas ações. Bagdá me alertou: “Você quer aparecer morto algum dia? Você não vai mudar o mundo mano, tenho essa revolta aí faz anos e é por isso que eu rimo. Não adianta protestar que o Estado te mata. Eu faço a minha e já era. Faço por nós, não por eles.”

\*\*\*

Saí de casa pouco mais de 14h. 20 min de carro até chegar na Favela da Galileia. Tudo como de costume. Fiz o caminho que sempre faço normalmente. Para estacionar o carro na frente do estabelecimento de Bagdá, costumo fazer uma manobra na contramão um pouco à frente e parar com o carro no sentido correto da via. Dessa vez, quando passei pelo caminho, vi uma viatura parada no final da rua. Eram quatro policiais dentro do carro, pareciam atentos ao movimento da rua. Achei estranho, já que a única vez que havia visto polícia lá foi na primeira vez que fui, junto com Jorge. Mesmo assim, segui normalmente. Estacionei e desci. Vi que não havia ninguém no estabelecimento, mas a música estava alta. Entrei e falei com o filho de Bagdá. Cláudio tem 17 anos e às vezes atende os clientes no estabelecimento de seu pai. Perguntei sobre Bagdá. Me respondeu que ficou até tarde da noite anterior trabalhando e tinha tirado o dia para descansar um pouco, estava dormindo. Como não havia ninguém, peguei uma cerveja e me sentei perto do som, ao lado dele. Reparei que a todo momento Cláudio levantava e observava a rua discretamente, depois olhava o celular. Pouco tempo depois, chega um jovem saindo da parte de dentro do estabelecimento: “Os cara ainda tão lá, mano?”. “Parece que sim”, responde Cláudio. Já havia entendido que se passava algo com os policiais no bairro, então comentei: “Tem uma viatura ali na frente, no final da rua, com quatro policiais dentro”. Disseram que já sabiam e que estava *moiado*<sup>14</sup> a quebrada desde cedo. Perguntei se eles estavam atrás de algo ou alguém específico. Responderam que era algo como uma “operação”, já tinham passado por algumas *biqueiras* na favela. Assim

---

<sup>14</sup> Gíria utilizada para dizer que algo não está bom ou que existe algum problema.

como eles, eu estava um pouco apreensivo com a movimentação das viaturas. A sensação era de que a qualquer momento pararia uma na nossa frente e tomaríamos um *enquadro*. Ficamos espertos observando a rua. Outro jovem chega e comenta sobre a situação também. Eles pareciam estar bem com a tensão da situação. Esse jovem tinha muitas tatuagens pelo corpo: palhaços, ying-yangs, risadas e notas de dinheiro. Cláudio fala: “Sai daí doido, se for ficar *moscando*<sup>15</sup> aqui na frente, entra e fica no banheiro lá. Cheio de tatuagem aí, os cara vai *embaçar*<sup>16</sup>”. Cláudio ouvia vários áudios de conhecidos em outras localizações da *quebrada* sobre a movimentação dos policiais. As viaturas iam e vinham. Quando passavam devagar, os policiais nos encaravam. Certo momento, passaram quatro viaturas em alta velocidade, cantando pneu, e em seguida mais duas motos da polícia. Todos comentaram sobre a velocidade que passaram. Perguntei onde eles iam dessa forma. Cláudio me respondeu que estavam de olho nas biqueiras “do beco” e “das casinhas”. Perguntei se existia alguma chance de pararem no estabelecimento de Bagdá, onde estávamos. Cláudio respondeu que não, que eles vão atrás das biqueiras maiores. Em seguida para outro jovem na frente de uma casa ao lado, na mesma rua. Um senhor lavava seu carro na frente. O jovem pega a mangueira e lava seu pé e seu chinelo. Cláudio conversa com ele perguntando sobre o que estava acontecendo. Conta que saiu correndo quando viu os policiais chegando, estava trabalhando na *lojinha* no momento. Jogou longe as mercadorias que estava carregando e ficou observando os PMs. Quando estavam chegando perto das drogas que jogou fora, correu de novo e parou ali. Continuamos espertos. Por volta das 17h a movimentação dos policiais diminuiu e Cláudio confirmou com seus parceiros que os policiais haviam ido embora da *quebrada*. Mais tarde, a irmã de Cláudio chega com seu namorado. Cláudio começa a enrolar um cigarro de haxixe. Cláudio adverte o jovem que estava no local desde que cheguei: “Você ainda vai arrastar problema pra cá mano, você *mosca* muito, por isso vivia na FEBEM<sup>17</sup>” O jovem ri e relembra algumas histórias do tempo em que passou na Fundação CASA, mas conta que havia saído do crime. Cláudio, em tom de brincadeira e desafio, diz que nem se ele quisesse voltar para o trabalho nas *lojinhas* iria conseguir, pois iria “abandonar a *responso*”, tinha “medo de polícia”. Ele responde que isso nunca aconteceria, não tem vontade de voltar para a *biqueira*. Paguei minha conta e voltei para casa. Cláudio disse para eu voltar quando quisesse.

\*\*\*

---

<sup>15</sup> Gíria utilizada para dizer que alguém está desatento.

<sup>16</sup> Gíria utilizada como sinônimo de atrapalhar, causar problema.

<sup>17</sup> Sigla para Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor, como era chamada a antiga Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA).

Bagdá tem mais experiência no crime que os meninos das medidas, tanto pela diferença de idade quanto por ter se envolvido ainda muito pequeno. Nesse percurso, além do mercado de drogas, esteve em outras atividades ilegais e conheceu muitas pessoas ligadas a essas redes, inclusive agentes policiais. Como me mostrou, junto com Jorge, agentes policiais também estão inseridos em mercados ilegais dos mais variados. A partir desse contato, podemos colocar que Bagdá se relaciona com a polícia de duas formas: nas negociações ilícitas em torno da proteção de sua *biqueira* e em outros mercados ilegais, em que policiais são conhecidamente operadores locais principais.

Essas dimensões se relacionam quando o sujeito que trabalha como representante do Estado é o mesmo que negocia mercadorias roubadas com “criminosos” (para usar a linguagem estatal), utilizando o exemplo que presenciei. Sua atividade ilegal coloca em risco sua legitimidade e cargo na instituição. Por isso, em certos casos, Bagdá se encontra numa situação menos assimétrica de poder. Mas mesmo quando esse não é o caso, dificilmente tem problemas com a polícia. Se for necessário o pagamento do acerto, como já foi mais comum no passado, tem condições de pagá-lo. Atualmente sua *biqueira* chama muito menos atenção que as demais da Favela da Galileia, como pontuou Cláudio. Funciona paralelamente ao seu estabelecimento, sem demarcações ou jovens comerciantes pela rua. Por ser conhecido por alguns agentes e possuir um ponto de venda menor, tem poucos problemas com a polícia. Ao contrário dos meninos das medidas, nesse caso ser conhecido por agentes policiais traz mais segurança, no sentido de ausência de violência, e menos assimetria de poder. Ou seja, além de recursos financeiros, Bagdá possui também recursos “políticos”, ou de “influência”, para negociar mercadorias políticas com agentes policiais, mesmo que seja um evento raro.

Bagdá também possui contatos e consideração entre o crime. Conhece alguns *irmãos* da Favela da Galileia e donos de *biqueiras* maiores. Costuma acioná-los para realizar eventos para a comunidade. Costuma dizer que nesse sentido é um “bandido das antigas”, que se preocupa com o bem estar da coletividade de seu bairro. A sua *biqueira* e seu estabelecimento são meios para isso. De forma geral, essa relação entre mundo do crime e *quebrada* fazia parte do cotidiano das periferias paulistas através do PCC, na sua fase de consolidação fora do sistema penitenciário (Biondi, 2010; Dias, 2011). Na Favela da Galileia, pelo menos em sua área, Bagdá assume essa função. *Irmãos* do *Comando* na cidade parecem estar envolvidos com outras atividades e com outras preocupações.

### 2.3 Os donos de *lojinhas* e *irmãos do Comando*: atenuação da assimetria de poder

Enquanto realizava o trabalho de campo no programa de medidas socioeducativas, fui apresentado a Jorge por Tereza, com quem já possuía contato antes da elaboração da pesquisa e se propôs a intermediar relações com possíveis interlocutores. Jorge tem 41 anos. Nascido e criado no bairro da Mocidade, entre as periferias da zona sul da cidade. Se envolveu com o crime e o mercado das drogas desde cedo: “Sempre convivi com muita arma, tráfico, morte, lá pelos lados da Mocidade. Não tem muito de se envolver, é o cotidiano que te leva”. Conta que na época, antes da consolidação do *Comando* na cidade, existiam rivalidades entre os bairros e precisou “dar tiro nos outros por causa de *tretas* de bairro” quando se mudou. Além disso, havia disputas por *biqueiras* muito violentas, sem uma forma delimitada das atividades do comércio de drogas ilegalizadas. “O *Comando* mudou tudo”. Através do *proceder* e das regulações de conflitos do PCC (Biondi, 2018; Feltran, 2010; Marques, 2009), hoje os territórios de cada *biqueira* são estabelecidos e possuem um espaço para vender as mercadorias. Além do envolvimento com o mercado das drogas, já trabalhou para a “milícia” (termo que utilizou para se referir a policiais e ex-policiais envolvidos com mercados ilegais) no contrabando de cigarros.

Atualmente Jorge trabalha no mercado formal, mas mantém relações com o crime. Tem uma relação de apadrinhamento com um *irmão* do *Comando* da cidade de São Paulo, mas não é diretamente ligado ao PCC fora isso. Levando em conta suas idas à São Paulo, afirma que “lá é outras ideias”. Além da diferença de recursos, de calibre das armas, quantidades de *biqueiras*, e de escala dos mercados ilegais, o “comportamento” é diferente: “Aqui é a maior várzea, ninguém respeita o que é pra ser, lá o comportamento é outra coisa, vacilou já era, é o certo pelo certo”. Jorge se dispôs a me apresentar alguns lugares na zona sul, onde tem mais contato.

Dorival iria tocar com seu grupo de pagode no conjunto habitacional da Mocidade. O evento era em comemoração ao aniversário do time de futebol do bairro. Me disse que além da música boa, Jorge estaria lá. Como era um evento aberto, fui com amigos. Chegando lá fomos muito bem recebidos, nunca tínhamos ido ao conjunto habitacional, mas fizemos boas amizades com um pessoal que reside por lá. Inclusive com a Tia Raí, que faz parte há muitos anos dos Gaviões da Fiel, torcida organizada do Corinthians, e me convidou para frequentar a sede sempre que quisesse. Assim que me viu, Jorge me reconheceu e falou para a gente ficar junto com ele, até nos ofereceu uma cerveja. Ele vestia uma camiseta do vai-vai, escola de samba de São Paulo, que representava o samba enredo comemorativo dos 40 anos de hip hop

no Brasil. Me revelou que ainda não tinha sido batizado no *Comando*, mas tinha um *padrinho* e estava pensando sobre essa possibilidade. Talvez seu *padrinho* fosse aparecer no evento. Durante os momentos em que conversamos, falou bastante que São Paulo é “outras ideias”, que lá não podia vacilar, enquanto que aqui as “coisas não funcionam muito bem”. Mencionei sobre a pesquisa que estava realizando. Jorge perguntou o que eu queria saber e falou que poderíamos conversar em outro momento. Se dispôs a me apresentar outros possíveis interlocutores. Perguntei sobre a atividade policial no bairro em que estávamos, me disse que na Mocidade e no conjunto habitacional a polícia raramente entra e “não costuma ter problema”. Respondi questionando sobre os casos de letalidade policial e apreensões de drogas muito conhecidos naquele bairro. Jorge disse que esses episódios acontecem, mas ali tinham muitas *biqueiras* e os donos eram *bigodes*, pagavam o acerto para a polícia e trocavam tiros quando necessário. Indaguei se a prática do acerto era comum naquela área. Disse que o interesse da polícia é o mesmo que o da *biqueira*: ganhar dinheiro. Portanto os donos sempre pagavam o acerto para ter uma tranquilidade maior durante as vendas.

Durante a conversa, perguntei como era o cotidiano de uma *biqueira*, em relação às vendas, posições, riscos, etc. Jorge disse que poderia me mostrar, então me levou para conhecer as *biqueiras* dali. O local era quase no mesmo lugar onde acontecia o pagode, na área que dá acesso aos prédios do conjunto habitacional, só que mais perto dos fundos, no estacionamento. Lá o *movimento* acontecia. Jorge chamou um rapaz que disse ser o dono da *biqueira*. Era branco, estava sem camisa e tinha muitas tatuagens, usava também muitas correntes de prata. Jorge me apresentou brevemente. Naquele momento o rapaz estava bebendo whisky e conversando com outras pessoas. Reparou na jaqueta do Corinthians que eu usava no momento e perguntou se eu era corinthiano. Respondi que sim. “Então você fecha com nós, caralho! Tamo junto cachorro.” Vi que ao lado do rapaz havia uma mesa de plástico com algumas sacolas em cima, junto com uma máquina de cartão. Reconheci porções de maconha, cocaína e crack, não tive certeza de outras mercadorias. Comentei rapidamente sobre a pesquisa e o rapaz se interessou. Jorge brincou dizendo que eu queria “entrar para o crime”. Disse que não se tratava disso e perguntei sobre como era a atuação da polícia no bairro e como ele lidava com a situação. O rapaz respondeu que a polícia “pega a parte dela”, se referindo ao acerto, quando convém e não causa grandes problemas, principalmente em dias de eventos como o pagode, sendo isso implícito nas negociações. Antes que eu pudesse responder ou fazer mais perguntas, um senhor, parecia ser morador de rua, para ao lado da mesa e pede uma pedra de crack para o rapaz, que se irrita e diz que a próxima vez que voltasse pedindo drogas levaria uma surra. Mesmo assim dá uma pedra para

o senhor. Outros compradores se juntam em volta da mesa e Jorge diz para voltarmos em outro momento. Quando estávamos voltando para a área do pagode, o rapaz da *biqueira* comentou que qualquer problema que acontecesse comigo eu poderia falar com ele. Marquei de assistir o jogo do Corinthians com Jorge e Dorival na quinta-feira.

\*\*\*

Em linhas gerais, percebi que para os donos de *biqueiras*, principalmente as consideradas maiores, a polícia está muito mais presente na experiência cotidiana das vendas e suas relações são quase sempre em torno das negociações para livre funcionamento do comércio. A prática do acerto é muito mais comum e quase que mandatória. Considerando os valores que circulam a partir das vendas dessas *lojinhas*, eles possuem mais recursos financeiros para transacionar mercadorias políticas. Além do acerto, em algumas ocasiões, quando seus funcionários são detidos durante o expediente, podem negociar a liberdade desses jovens. Essa prática é conhecida como “sequestro” (Hirata, 2010).

São reconhecidos como *bigodes* no crime e alguns são donos de diversas *lojinhas* pela cidade. Como o próprio rapaz que Jorge indicou como dono da *biqueira* me informou, são tidos como reguladores de conflitos nos bairros que atuam. “Qualquer problema que acontecesse comigo” engloba desde roubo ou furto, supostamente proibido na *quebrada*, à conflitos pessoais (Biondi, 2018; Hirata, 2010).

A partir desses relatos de campo, procurei construir perfis desses baixos operadores associados à seus recursos para transacionarem mercadorias políticas e modos como se relacionam com a polícia. Não tratam diretamente das posições no mercado de drogas ou configuram uma hierarquia entre si, mas são elaborados a partir dessas diferentes experiências cotidianas e nuances nas tramas de relações do mundo do crime local, justamente por isso são perfis. Bagdá também é dono de uma *biqueira*, mas suas interações com agentes policiais não se dão nas mesmas condições que as de donos como o rapaz da Mocidade. O conceito de mercadoria política de Misse tende a perspectivar essas negociações ilícitas em torno do mercado de proteção de ilegalismos a partir do Estado, já que são seus agentes que costumam expropriar um recurso de poder estatal e utilizá-los para fins privados (Misse, 2006), numa relação, portanto, sempre assimétrica. No campo estudado, esses diferentes perfis de baixos operadores do mercado de drogas ilegalizadas agenciam, dentro de seus recursos disponíveis, essa arbitrariedade e assimetria características dessa negociação.

Evidentemente que não deixam de ser relações assimétricas de poder, mas podem ser mais ou menos equilibradas em diferentes situações.

Pensando ainda no que foi consolidado pela literatura, é possível perceber semelhanças entre modos de se relacionar com a polícia desse campo empírico com as categorias elaboradas por Cozzi (2019). “Arreglar” e “trabajar” com a polícia aparecem principalmente na diferença entre as práticas como o acerto e o sequestro e a negociação em mercados ilegais com presença de agentes policiais, respectivamente. Entretanto, não são consideradas legítimas ou ilegítimas a priori, ou melhor, não se colocou como uma questão relevante. Parecem ser consideradas antes como elementos mais ou menos disponíveis para a maximização de lucros.

### **3. Funcionamentos de *lojinhas* ou *biqueiras*: papéis, posições e modos de operar o mercado de drogas locais**

*La plata objetivo pra quem tá no corre  
Atrás dos malote, de cima os revólver  
Só quero o meu com onça e peixe, aqui tem de kilo  
O adiposo, os avião, aviso nos radinho  
Fazer o quê se o mundo me quis assim  
É só chegar, é logo alí, é logo alí  
(Casa 33 - Coktel Molotov)*

O cenário onde as interações cotidianas entre agentes policiais e comerciantes do varejo de drogas ilegalizadas acontecem é essencialmente a *biqueira* ou *lojinha*. O modo de funcionamento e organização de uma *biqueira* já é bem conhecido tanto pela literatura sociológica quanto pelo senso comum e matérias jornalísticas. Entretanto, pode variar de acordo com a localidade e arranjo particular do crime de cada território. Hirata e Grillo (2017) elaboram, nesse sentido, uma perspectiva comparativa entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. A diferença mais marcante são os diferentes “Comandos” que operam o mercado de drogas ilegalizadas em cada cidade. No Rio de Janeiro, apesar do Comando Vermelho (CV) ser o mais antigo coletivo criminal, pelo menos outros três grupos operam e disputam a regulação do mercado de drogas e favelas cariocas: Terceiro Comando Puro (TCP), Amigos dos Amigos (ADA) e organizações de milícias locais. O conflito entre esses coletivos tornou necessária a defesa armada de territórios e pontos de comércio, o que

colaborou para que se difundisse o uso de armas de fogo nas *bocas de fumo*<sup>18</sup> e uma posição importante dessas *bocas*: os *soldados*, que realizam a segurança do comércio. O “patrão” desses negócios coincide com a figura do *dono do morro*, que antecede até mesmo a generalização do mercado de drogas como eixo dinâmico da economia criminal. (Hirata; Grillo, 2017)

Em São Paulo, o Primeiro Comando da Capital (PCC) se consolidou como facção hegemônica no estado. A disputa armada por *biqueiras* se encerrou com a expansão do *Comando* para fora do sistema carcerário e sua consolidação em *quebradas*. O PCC surge nesse contexto como um regulador de conflitos e monopólio de mercado. Dessa forma, diferentemente do Rio de Janeiro, é raro a presença ostensiva de armas de fogo, principalmente de grande calibre, em *biqueiras* paulistas. A figura do “dono” de uma *quebrada* ou favela simplesmente não existe em São Paulo. O dono de uma *biqueira* pode ser uma personalidade influente no bairro, como é na maioria dos casos, mas não detém a posse de todo um território, apenas das relações contratuais de seu negócio (Hirata; Grillo, 2017). O funcionamento interno de uma *biqueira* e uma *boca de fumo* são semelhantes, com exceção da posição do *soldado*, também inexistente em São Paulo. O que muda são apenas os termos êmicos que designam posições e papéis, mas que são mais ou menos equivalentes. Considerando o contexto da pesquisa, esta seção irá focar nos modos de funcionamento da *biqueira* paulista.

Essas diferenças gerais certamente estruturam as atividades cotidianas do comércio varejista de drogas em cada local. Todavia, existe uma dimensão importante a se considerar na análise. A relação entre a *biqueira* e o bairro, as formas como incide sobre trajetórias individuais e coletivas do território. Hirata (2010) disserta, a partir de um trabalho etnográfico na cidade de São Paulo<sup>19</sup>, sobre os modos de funcionamento interno e externo de uma *biqueira*. Internamente, a primeira função que cabe descrever são as posições e papéis existentes para esse funcionamento. O autor nos apresenta quatro posições: i) os *campanas*; ii) os vendedores ou *vapores*; iii) o *gerente* e iv) os *patrões*.

Os *campanas* são responsáveis pela vigilância da *biqueira*, de forma geral. Observam discretamente a movimentação do bairro e das proximidades do ponto de vendas. Quase sempre é o primeiro “posto” dentro da hierarquia de uma *biqueira*, por isso são os que ganham menos. Normalmente estão em comunicação constante com os outros, através de

---

<sup>18</sup> Termo êmico para se referir a um ponto de comércio de drogas no Rio de Janeiro. Equivalente à *biqueira* ou *lojinha* em São Paulo.

<sup>19</sup> Ver “Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida” de Daniel Hirata.

*radinhos*<sup>20</sup> ou celulares, para avisar qualquer circulação estranha e que possa comprometer o fluxo do comércio. A eficácia e comprometimento nessa função levam ao reconhecimento do *patrão* e à ascensão nos cargos da *biqueira*.

Os vendedores ou *vapores* são aqueles que estão em contato direto com a clientela. Precisam saber dosar a quantidade de droga que portam e a que escondem, para se livrarem da mercadoria facilmente em caso de invasão policial. Recebem de acordo com o produto que vendem e proporcionalmente ao que foi estabelecido com o *patrão*.

O *gerente* é um cargo estratégico na *biqueira*, cuida do caixa das vendas e geralmente são pessoas de confiança do *patrão* e reconhecidos pela comunidade. Deve zelar também pela disciplina das outras posições, no sentido de não permitir desatenções ou práticas que fujam da conduta esperada, como o abuso de substâncias durante o expediente de trabalho.

Por último, os *patrões* são os proprietários do negócio. Podem ser proprietários da *biqueira* toda ou de um segmento de mercado: da farinha (cocaína), da pedra (crack), da maconha, etc. São eles que possuem o contato de fornecedores e negociam mais ativamente a proteção no ambiente das trocas ilícitas com a polícia, seja pela prática do “acerto” ou do “sequestro”. Além disso, pagam a remuneração das demais posições.

Fora outros processos como a endolação, estas são as linhas gerais do funcionamento interno de uma *biqueira*. Hirata (2010) destaca que esses papéis não são fixos em absoluto, possuem certa fluidez entre as posições na prática cotidiana, com exceção de posições mais altas na hierarquia, evidentemente. Entretanto, assinala que a *biqueira* não possui apenas essas atividades prescritas para seu funcionamento. Ela também interage com o território urbano a partir de sua relação com diversos atores, que categorizou como funcionamento externo. De forma sintetizada, a *biqueira* se constitui como uma rede de mediações locais que integram o mercado de drogas, pequenos ilegalismos do bairro, como roubos ou furtos, resoluções de conflitos locais, muitas vezes atravessados pela atuação do PCC, a regularidade da presença da polícia no bairro, mediada pelo mercado ilícito de mercadorias políticas, etc (Hirata, 2010).

O argumento principal é que uma *biqueira* não é simplesmente um modelo como o do mercado formal, ela é atravessada pelas tramas de relações entre as pessoas que estão inseridas nessa economia e com habitantes do bairro, agentes policiais, ilegalismos distintos, sendo o ambiente de uma sociabilidade específica, acessada e vivida de formas diferentes de acordo com esses papéis e posições.

---

<sup>20</sup> Termo utilizado para se referir a aparelhos rádio comunicadores.

Esse panorama nos faz voltar ao campo desta pesquisa. Entre as atividades do programa de medidas socioeducativas e minhas idas à Favela da Galileia, percebi que não existia apenas uma forma de funcionamento de uma *biqueira*, como a que Hirata descreveu e analisou. Os jovens das medidas socioeducativas, em sua maioria, estavam inseridos em um modelo muito parecido com o descrito até aqui, como me explicou Nelson durante um dia de trabalho de campo.

Saí de casa correndo nesse dia. Estava poucos minutos atrasado, mas sempre me preocupo em ser pontual. Parei em frente ao portão e disse que estava indo “nas medidas”. Era o mesmo rapaz que normalmente ficava ali, dessa vez não perguntou nada e já abriu o portão. Estacionei o carro e fui rapidamente para o prédio das medidas. Célia me avisa que Nelson já havia chegado, mas Zeca ainda não. Subi as escadas e entrei na sala. Ao redor da mesa, estavam Carlos, Carolina e Nelson sentados com uma apostila aberta no centro. Cheguei dando um “salve” para todos, mas percebi que Carolina estava no meio de uma fala, então não me alonguei muito. Sentei numa cadeira ao lado de Carlos. Carolina falava sobre capitalismo e exploração do trabalho. Fiquei um pouco surpreso com o tema e a fala dela e esperei para ouvir um pouco mais e entender do que se tratava.

Poucos momentos depois, percebi que Carolina estava falando sobre mercado de trabalho e a questão dos Microempreendedores Individuais (MEI) na atualidade, só que com uma espécie de crítica marxista. Carolina pausa um pouco a conversa para me dizer: “Chegou na hora certa Matheus, você vai conseguir contribuir para a gente pensar sobre ‘as formas de trabalho na atualidade’. Matheus estuda isso, não é?”. Tinha reparado que na apostila estava escrito exatamente isso como título de um tópico. Respondi que sim e tentei falar um pouco da comparação entre formas de trabalho como MEI, vínculos CLT, trabalho informal, etc. Percebi que o objetivo de Carolina era problematizar a noção de MEI, o empreendedorismo e o discurso neoliberal de forma geral como uma “saída para a vida no crime”. Foi uma conversa bem longa e também muito produtiva, com alguns desconfortos. Nelson comentou ao longo do nosso debate: “O sistema é sujo mesmo né mano? Cê é louco”. Quando Carolina falava a palavra “sistema” percebi que automaticamente Nelson e Carlos tinham desprezo.

Em certo momento, percebemos que Zeca não chegaria naquele dia. Carlos propôs continuarmos com a conversa até o final da atividade, disse que estava aprendendo muito. Nelson topou a ideia. Para trazer para um contexto mais concreto, no meio da conversa perguntei para Nelson como era seu trabalho na *biqueira*. Percebi que Carolina não gostou muito da pergunta direta, mas não vi problema em falar sobre o assunto abertamente, afinal, como argumenta Lyra (2020), o comércio de drogas deve ser entendido também como uma

forma de trabalho. Nelson também não ficou constrangido, explicou como funcionava seu expediente na *biqueira* em que trabalha e nas outras da cidade, de forma geral. Primeiramente disse que os turnos podem variar, sendo de até 12 horas, dependendo da frequência em que trabalha na escala semanal. Recebe proporcionalmente ao que vende diariamente, entre 30% e 50% das vendas, de acordo com a mercadoria (cocaína, maconha, crack, lança perfume, etc.). A *biqueira* em que trabalha é “cadastrada” no *Comando*, ou seja, seu dono ou *patrão* é *irmão* do PCC e vincula seu negócio à facção. Esses cadastros são feitos a partir de números e muitas vezes ficam visíveis no perímetro que demarca a *lojinha* como forma de identificação. Comentei que havia visto esse tipo de número no bairro da Mocidade, ele me confirmou que eram as identificações das *biqueiras*. Nelson diz que na cidade muitas *lojinhas* tem um mesmo dono, às vezes “herdada” de uma família com tradição no mundo do crime, passada de pai para filho. Perguntei também sobre a forma como se organizam normalmente durante os plantões. Disse que podem revezar funções como a de *campana* ou de *vendedor* e que muitos jovens do bairro frequentam a *lojinha* para conversar, beber, fumar e às vezes ajudam nessas funções voluntariamente. Logo em seguida Carolina trouxe questões práticas da visita que faríamos à barbearia de Carlos na semana seguinte e a conversa se encerrou.

Como se pode observar pelo relato de Nelson, o funcionamento da *biqueira* em que trabalha é muito parecido com a descrita pela literatura. Ele ainda traz dois elementos importantes: a relevância do PCC na organização e dimensão de mercado e o espaço de sociabilidade. A vida cotidiana de alguns jovens do bairro se vincula também à rotina e pequenos trabalhos da *biqueira*. Além disso, o fato de uma *lojinha* ser cadastrada no *Comando* implica em uma certa dinâmica de identificação, regime de trabalho, remuneração e variedade de mercadorias.

Entretanto, o que quero chamar a atenção aqui, colocando em questão o contexto local, é para a figura de Bagdá. Ele é dono de uma *biqueira*, mas não se encaixa exatamente na figura do *patrão* trabalhada na literatura, tanto na segmentação da droga quanto na lucratividade e na distribuição de posições. Atualmente, como já apresentado anteriormente, vende de forma fixa maconha, cocaína e lança perfume, esporadicamente vende também haxixe e alguns sintéticos, como a bala (ecstasy). Quando quer focar mais nas atividades de seu estabelecimento comercial formal, diminui a intensidade das vendas na *biqueira*, já que ele é o dono e única pessoa trabalhando nos dois comércios – ele não tem funcionários, só seu filho o ajuda com essas atividades eventualmente. Ou seja, a *biqueira* de Bagdá não tem essas posições e papéis definidos como a bibliografia sobre o mercado de drogas paulista coloca. Hirata (2010) deixa claro que não são fixos em absoluto, mas organiza a análise das relações

que atravessam *biqueira*, o bairro e diversos atores que circulam nas tramas construídas nesses territórios urbanos a partir dessas categorias.

O campo em uma cidade média apresentou formas diferentes de funcionamento do mercado varejista de drogas ilegalizadas e do modo como seus baixos operadores se engajam nessas atividades. Bagdá é muito considerado pelas pessoas da Favela da Galileia, organiza eventos em datas comemorativas e é muitas vezes procurado para resolver conflitos do bairro. Nesse sentido se assemelha a figura do *patrão* consolidada na literatura (Hirata, 2010). Mas ele não é *irmão* do *Comando*, que costuma assumir essas funções, principalmente na questão da regulação de conflitos (Biondi, 2018; Hirata, 2010), bem como não se assemelha a esses *patrões* na lucratividade de seu negócio. Sua *biqueira* dificilmente fatura o mesmo valor que a do *patrão* de Nelson. Considerando que não raramente são donos de um conjunto de *biqueiras*, essa diferença aumenta ainda mais.

Também não se encaixa na experiência dos extratos mais baixos dos operadores do mercado, como os *campanas* e os *vendedores*, que é o caso dos meninos das medidas. Os jovens que cumprem medidas socioeducativas estão inseridos numa estrutura de funcionamento mais parecida com a que o Hirata (2010) descreveu. Nem todas as *lojinhas* que funcionam desse jeito tem *patrões* do *Comando*, mas, via de regra, os *patrões* que são *irmãos* no *Comando* tem *lojinhas* que funcionam dessa forma e também normalmente são donos de mais de uma, ao contrário também da experiência de Bagdá. Por sua vez, dificilmente um jovem comerciante de uma *biqueira*, que trabalha para um *patrão*, seja referência em uma *quebrada* por consideração da comunidade.

Em outras palavras, mesmo que se trate do mesmo ilegalismo, o mercado de drogas ilegalizadas, a forma como esses sujeitos engajam nessa atividade também atravessa a sua experiência - na exposição a riscos, na consideração no mundo do crime ou no bairro, na lucratividade - concomitantemente com os recursos que possuem para negociar mercadorias políticas no âmbito das trocas ilícitas com agentes policiais.

#### **4. Seria só uma questão de escala? Nuances do mundo do crime fora de grande centros urbanos**

Considerando o que foi exposto até aqui, a construção de perfis de baixos operadores do mercado de drogas ilegalizadas partindo de transações de mercadorias políticas e a forma como se engajam no mercado de drogas, algumas questões pertinentes podem ser colocadas. Faz sentido um perfil como Bagdá em um grande centro urbano, como São Paulo (cidade),

com um mundo do crime mais influenciado por dinâmicas e operadores de circuitos superiores da economia criminal? É possível colocar esses perfis em uma única categoria de “baixos operadores”, mesmo considerando suas experiências diversas?

Pelo menos desde a última década, vem acontecendo no Brasil muitas transformações nas dinâmicas criminais e no mundo do crime, considerando também o PCC (Marques, 2023; Feltran, 2014; Manso; Dias, 2018; Machado; Menezes, 2020). Notadamente, pode-se mencionar a grande dinamização de mercados ilegais e legais (Telles, 2009), a partir da internacionalização dos mercados de drogas e armas (Dias; Manso, 2017, Pinho; Rodrigues, 2023), constituindo o *Comando* como agenciador perdurável de mercados milionários, mas também uma progressiva consolidação da sua atuação no âmbito estatal, uma mudança geracional na gestão de mercados ilegais locais, em que uma geração mais antiga no crime e no PCC está deixando esses postos de comércio no varejo (Silva, 2017), ou a nacionalização de certas facções, expressivamente o Comando Vermelho (CV) e o PCC (Pinho; Rodrigues, 2023; Rodrigues, 2020).

Com essas novas dinâmicas e grande expansão do mercado de drogas ilegalizadas, a circulação do dinheiro muda também de escala. Um dono de diversas *biqueiras* em uma cidade média do interior paulista, como a estudada nesta pesquisa, pode parecer um operador privilegiado no contexto local, mas ainda está longe dos circuitos superiores do mercado de drogas. O PCC hoje exporta cocaína através de grandes postos de logística internacional, como o porto de Santos, e se coloca como um operador essencial desse ramo (Pinho; Rodrigues, 2023). Em valores, existe um abismo entre o varejo e o atacado. Mas não só em valores. Aqueles que estão à frente dessas negociações transnacionais, no atacado, dificilmente são conhecidos ou acessados.

Se considerarmos o mercado de drogas como um todo, desde o jovem vendedor em um comércio a varejo de uma *quebrada* até os operadores dos circuitos superiores dessa economia, como a exportação de cocaína aqui mencionada, todos os perfis elaborados nesse esforço analítico são “baixos operadores” do mercado, mesmo os donos de *lojinhas*, no plural. Só que a experiência de cada um deles - os meninos das medidas, o Bagdá, ou os donos de *lojinhas* e *irmãos* do *Comando* - são muito diferentes, ainda que compartilhem uma mesma posição partindo de uma perspectiva holista de mercado.

Como tentei argumentar anteriormente, o perfil de Bagdá destoa daquilo apreendido pela literatura etnográfica sobre mundo do crime e mercados ilegais, consolidada principalmente em grandes centros urbanos. De fato, é uma localização muito específica no âmbito local: no meio de tantas *lojinhas* da cidade, às vezes administradas por um mesmo

dono e com uma organização específica, sua *biqueira* funciona de acordo com seu objetivo pessoal de cada momento, transita entre as negociações ilícitas com a polícia com mais recursos que jovens comerciantes mas não exatamente como *irmãos do Comando*, por mais que seja considerado referência pela comunidade da Favela da Galileia. Isso seria possível em uma metrópole como São Paulo? Não faz mais sentido as *biqueiras* da capital estarem diretamente ligadas a uma gestão mais abrangente do crime e do mercado de drogas, conectada nacional e internacionalmente por um grande volume de mercado e, portanto, com um funcionamento mais parecido com o descrito por Hirata (2010)? As nuances tratadas ao longo deste texto parecem ser uma especificidade de uma cidade média, ou pelo menos fora de um grande centro urbano, que produz também redes de proteção e formas de interações específicas - os *enquadros* em jovens comerciantes “marcados” pela polícia, as negociações ilícitas de mercadorias políticas, a atuação de agente e ex-agentes policiais em mercados ilegais, etc. - fazendo parte das tramas que constituem o cenário do mundo do crime local.

Essas duas dimensões, a circulação em circuitos superiores da economia e as especificidades de uma cidade média, parecem estar articuladas e, portanto, faz sentido serem consideradas conjuntamente na explicação dos fenômenos empíricos estudados. De outro modo, não me parece que as formas específicas de baixos operadores discutidas aqui sejam subordinadas a processos maiores da dinâmica criminal contemporânea ou que se configurem como algo novo ou único, mas sim que suas existências marcam uma complexidade de possibilidades que constituem esse próprio universo social. Essa é uma hipótese, que precisa continuar sendo investigada, para que a literatura acompanhe e compreenda suas transformações.

## **5. *Nóis* tem gente espalhada em todo canto por aí: notas finais**

*Não adianta ocultar, nem tentar oprimir  
Nóis tem gente espalhada em todo canto por aí  
Assim, assim, se liga aí você que tá no mundão  
Esse é o salve da nossa facção  
(W2 Proibida - Trilha Sonora do Gueto)*

O método etnográfico nas ciências sociais possui uma forma peculiar de construção do conhecimento. De forma geral, é induzido a partir de um campo empírico para os planos analítico e teórico. Poderia-se argumentar que é sempre relativo a um campo muito

específico, pouco generalizável. Mas o caráter comparativo dessas pesquisas permite encontrar semelhanças, diferenças, constâncias, rupturas, etc. O exercício deste trabalho foi justamente esse.

Partindo de uma lacuna pouco explorada na discussão sobre mundo do crime e mercados ilegais, o campo empírico em cidades médias, teve como objetivo descrever e analisar a experiência de baixos operadores do mercado de drogas ilegalizadas, partindo dos modos como engajam nessa atividade e das formas que transacionam mercadorias políticas com agentes policiais no âmbito local. Os perfis elaborados a partir dessas experiências - os meninos das medidas, a figura de Bagdá e donos de *lojinhas* e *irmãos* do *Comando*, não são diretamente ligados à posições e hierarquias do mercado de drogas, consideram antes uma série de tramas que atravessam trajetórias individuais e uma rede de interações nas fronteiras porosas do legal e do ilegal, como as negociações ilícitas de mercadorias políticas. Mesmo explorando essas nuances do mundo do crime local, procurei perspectivar as dinâmicas e expansão recentes do mercado de drogas a nível internacional, mais notadamente a nacionalização de facções como PCC e CV e o comércio transnacional de cocaína. Diante dessa diferença de escala, da circulação em setores superiores da economia criminal, até mesmo um dono de *biqueiras*, no plural, pode ser considerado um baixo operador deste mercado. Ainda que existam diferenças entre esse perfil e os outros, ainda compartilha e se insere nas mesmas tramas e numa mesma sociabilidade difundida localmente.

Considerando o extenso debate da literatura sociológica sobre o tema, este diálogo se estabeleceu a fim de complexificar algumas categorias estabelecidas pelo que foi observado em campo. O fato da grande maioria dos trabalhos destacarem grandes centros urbanos possibilitou construir uma perspectiva que parte desse lugar, as grandes metrópoles. Evidentemente que demonstra e desenvolve uma ótima interpretação da questão, mas cria uma sensação de que naturalmente os processos sociais relevantes acontecem nas grandes cidades ou colocam outros lugares como apêndices de uma centralidade. Curiosamente, o grupo de rap Trilha Sonora do Gueto, há 10 anos atrás, já localizava outros cenários e protagonistas dessa história:

Puf, Zona Oeste, Nenê, **Ribeirão**  
Pezão, Muçulmana, **Americana** em ação  
Duda Bela Vista, Laio, o Braddock  
Pacá, Vila Clara, Andinho, firma forte  
Vieti, Barbara, Lorinaldo eu conheci

Dois aqui na rua, o Claudinho e Bernardes vi  
Teco, Chacau, Picopô de Osasco  
Quebra, Fazendinha, Viola, Baleado  
Tenho muita treta de **Campinas**, o Granada  
Caetano e Vauzin lá de **Piracicaba**  
Cicatriz, Piranha, Cansado, pra vocês  
Tamo junto, Dalessandro, Jardim Juo 23  
015, Japonês, Jean Gordão, **Sorocaba**  
Parque Vitória Régia, terrorista da Al Qaeda

Todos os nomes destacados são de cidades do interior paulista. Os nomes citados na música são para homenagear e lembrar todos aqueles envolvidos na causa de Paz, Justiça e Liberdade (P JL) do *partido*, o PCC - partindo do discurso do grupo de rap. Da mesma forma, esta pesquisa procurou levar em consideração as especificidades, continuidades e diferenças do mercado de drogas ilegalizadas e mundo do crime em uma cidade média. A música aqui destacada se propõe ser uma denúncia contra a violência do Estado sobre a população carcerária. Esse tipo de situação se liga diretamente com os casos explorados nesse texto: fazem parte de uma mesma dinâmica de política de segurança pública, voltada para a repressão de baixos operadores de mercados ilegais, que produz essencialmente violência e encarceramento em massa de certos grupos e em certos territórios, seja em metrópoles ou cidades médias.

## 6. Referências bibliográficas

AQUINO, Jânia.; HIRATA, Daniel. **Inserções etnográficas ao universo do crime:** algumas considerações sobre pesquisas realizadas no Brasil entre 2000 e 2017. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, v. 84, p. 107–147, 9 out. 2018.

BIONDI, Karina. **Junto e misturado:** uma etnografia do pcc. São Paulo, Terceiro Nome, 2010.

BIONDI, Karina. **Proibido roubar na quebrada:** território, hierarquia e lei no PCC. São Paulo: Terceiro Nome, 2018.

CIPRIANI, Marcelli. **Os coletivos criminais de Porto Alegre:** entre a “paz” na prisão e a guerra na rua. Mestrado em Ciências Sociais - Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019.

COZZI, Eugenia. “**Arreglar**” y “**trabajar**”: vínculos entre jóvenes y policías en Rosario, Argentina. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 17(2), 1-19, 2019.

COZZI, Eugenia. **De ladrones a narcos:** violencias, delitos y búsquedas de reconocimiento. Teseo, 2022.

DIAS, Camila Nunes. **Da pulverização ao monopólio da violência:** expansão e consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista. Tese de Doutorado em Sociologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FELTRAN, Gabriel. **Economias (i)lícitas no Brasil:** uma perspectiva etnográfica. *Journal of Illicit Economies and Development* 1.2. p.145-154. 2019.

FELTRAN, Gabriel. Crime e periferia. Raton, J.; Lima, R.; Azevedo, R. *Crime, Polícia e Justiça no Brasil*, p. 299-307, 2014.

FELTRAN, Gabriel. **Valor dos pobres:** a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. *Caderno crh*, v. 27, p. 495-512, 2014.

FELTRAN, Gabriel. **Fronteiras de tensão:** política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: Editora UNESP: CEM: CEBRAP, 2011.

FELTRAN, Gabriel. **O legítimo em disputa:** As fronteiras do “mundo do crime” nas periferias de São Paulo. *Dilemas*. V.1, n.1. 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** Nascimento da prisão. Tradução de Ligia M. Pondé Vassalo. Petrópolis, Vozes, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população:** curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GALDEANO, Ana Paula. ALMEIDA, Ronaldo. (Coord.) **Tráfico de drogas entre as piores formas de trabalho infantil:** mercados, famílias e rede de proteção social. São Paulo: CEBRAP, 2018.

GRILLO, Carolina. **Coisas da vida no crime:** tráfico e roubo em favelas cariocas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

GRILLO, Carolina **Da violência urbana à guerra:** Repensando a sociabilidade violenta. *DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social – Rio de Janeiro – Vol. 12 – no 1 – jan-abr – pp. 62-92*, 2019.

GRILLO, Carolina. **Fazendo o doze na pista:** um estudo de caso do mercado ilegal de drogas na classe média. Mestrado em Sociologia—Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 09 abr. 2008.

HIRATA, Daniel.; GRILLO, Carolina. **Sintonia e amizade entre patrões e donos de morro:** Perspectivas comparativas entre o comércio varejista de drogas em São Paulo e no Rio de Janeiro. *Tempo Social*, v. 29, n. 2, p. 75–98, maio de 2017.

HIRATA, Daniel. **Sobreviver na adversidade:** entre o mercado e a vida. Doutorado em Sociologia—São Paulo: Universidade de São Paulo, 10 set. 2010.

LYRA, Diogo. **Operários da firma:** mundo do trabalho no mundo do crime. *Revista Antropolítica*, n. 50, Niterói, p. 90-115, 3. quadri., 2020.

LYRA, Diogo. **A república dos meninos:** valores éticos e morais dos garotos armados do morro. Tese de Doutorado em Sociologia. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. **Criminalidade violenta e ordem pública:** nota metodológica, *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v.13, pp.115-124, Novembro, 1999.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. **Sociabilidade violenta:** por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Sociedade e Estado*, v. 19, p. 53–84, jun. 2004.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. **Violência urbana, segurança pública e favelas:** o caso do Rio de Janeiro atual. *Caderno CRH - UFBA*, v. 23, p. 283-300, 2010.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio; MENEZES, Palloma. **(Des)Continuidades na experiência de “vida sob cerco” e na “sociabilidade violenta”.** *Novos estudos CEBRAP*, v. 38, p. 529–551, 27 jan. 2020.

MALVASI, Paulo Artur. **Interfaces da vida loka:** Um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo. Doutorado em Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade—São Paulo: Universidade de São Paulo, 29 fev. 2012.

MANSO, Bruno Paes; DIAS, Camila Nunes. **A guerra:** A ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil. São Paulo: Todavia, 2018.

MANSO, Bruno Paes; DIAS, Camila Nunes. **PCC, sistema prisional e gestão do novo mundo do crime no Brasil.** *Revista Brasileira de Segurança Pública*, v. 11, n. 2, p. 10–29, 2017.

MARQUES, Adalton. **Crime, proceder, convívio-seguro:** um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. Mestrado em Antropologia Social—São Paulo: Universidade de São Paulo, 26 fev. 2010.

MARQUES, Thalia. **A ordem: tempo analítico, homicídios e PCC no Triângulo Mineiro (1990-2020)**. Tese de Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

MISSE, Michel. **Crime e violência no Brasil contemporâneo**. Coleção conflitos, direitos e culturas, Editora Lúmen Juris, 2006.

MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 20 de dez. 1999.

MISSE, Michel. **Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro**. Estudos Avançados 21.61 (2007): 139-57. Web.

MISSE, Michel. **Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. Civitas: revista de Ciências Sociais, v. 8, n. 3, p. 371–385, 2008.

PINHO, Isabela Vianna. RODRIGUES, Fernando de Jesus . **Navegar é preciso: as jornadas da cocaína e a expansão das facções pelo Brasil**. Novos Estudos. CEBRAP, v. 42, p. 41-58, 2023.

RAMALHO, José Ricardo. **Mundo do crime: a ordem pelo avesso**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

RODRIGUES, Fernando de Jesus. **“Corro com o PCC”, “corro com o CV”, “sou do crime”**: “Facções”, sistema socioeducativo e os governos do ilícito em Alagoas. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 35, n. 102, 2020.

SILVA, Evandro Cruz. **Molecada no corre: comércio, experiência geracional e moral no Primeiro Comando da Capital**. Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos. São Carlos - SP, 2017.

TELLES, Vera. **Ilegalismos urbanos e a cidade**. Novos estudos CEBRAP, p. 153–173, 2009.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Editora FGV, 2004.

ZILLI, Luís Felipe. **“O bonde tá formado”**: gangues, ambiente urbano e criminalidade violenta. Dissertação (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.